

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

SILVIO JÂNIO MATOS DE SOUZA

PEDE - PEDAGOGIA DO DISCURSO ESTÉTICO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA
NA APRENDIZAGEM DE ARTES PARA ALÉM DAS LEITURAS DE SI NO
CONTEXTO MANAUARA.

MANAUS
2024

SILVIO JÂNIO MATOS DE SOUZA

**PEDE - PEDAGOGIA DO DISCURSO ESTÉTICO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA
NA APRENDIZAGEM DE ARTES PARA ALÉM DAS LEITURAS DE SI NO
CONTEXTO MANAUARA.**

Trabalho de conclusão apresentado à Banca do Curso de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES, na IES–Associada–Universidade Federal do Amazonas/Universidade do Estado do Amazonas, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Evandro de Moraes Ramos.

Linha – Proposta Pedagógica de ensino, aprendizagem e criação em artes.

MANAUS
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729p Souza, Silvio Jânio Matos de
PEDE - pedagogia do discurso estético : uma proposta
interventiva na aprendizagem de Arte para além das leituras de si
no contexto manauara. / Silvio Jânio Matos de Souza . 2024
LXX f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Evandro de Moraes Ramos
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Pede. 2. Pedagogia do discurso estético. 3. Aprendizagem de
arte. 4. Manaus. I. Ramos, Evandro de Moraes. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

SILVIO JÂNIO MATOS DE SOUZA

PEDE - PEDAGOGIA DO DISCURSO ESTÉTICO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA
NA APRENDIZAGEM DE ARTE PARA ALÉM DAS LEITURAS DE SI NO CONTEXTO
MANAUARA

Dissertação apresentada à Banca para Exame de Qualificação, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES.

Linha – Proposta Pedagógica de ensino, aprendizagem e criação em artes

BANCA EXAMINADORA:

Evandro de Moraes Ramos

Presidente e Orientador: Prof. Dr. (ProfArtes/UFAM)

Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto

Membro: Prof. Dr. (ProfArtes/UFAM)

Rosejane da Mota Farias

Membro: Prof. Dr^a. (ProfArtes/UFAM)

Valter Frank de Mesquita Lopes

Suplente: Prof. (ProfArtes/UFAM)

Jackson Colares da Silva

Suplente: Prof. (ProfArtes/UFAM)

MANAUS
2024

**PEDE - PEDAGOGIA DO DISCURSO ESTÉTICO: UMA PROPOSTA INTERVENTIVA
NA APRENDIZAGEM DE ARTE PARA ALÉM DAS LEITURAS DE SI NO CONTEXTO
MANAUARA**

Silvio Jânio Matos de Souza

Mestrando

Evandro de Moraes Ramos

Orientador

RESUMO

A presente dissertação pretende levar aos futuros leitores algumas reflexões que possam servir de base científica para além dos parágrafos aqui produzidos, como também, propiciar a valorização dos sujeitos (professor e aluno) para um novo pensar-refletir-fazer nas aulas de arte no contexto da educação básica, assim, optamos por batizar carinhosamente nosso produto investigativo de “PEDE” que significa “Pedagogia do Discurso Estético”, que teve como objetivo geral promover experiências artísticas para aprimorar o discurso estético e poético dos estudantes, visto que, corroborando para a práxis das leituras e das análises crítico-reflexivas para além de si no âmbito da sala de aula, estando atrelada à linha de pesquisa “Proposta pedagógica de ensino, aprendizagem e criação em artes”, portanto, fora desenvolvida com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública estadual da zona centro-oeste de Manaus-AM. Deste modo, nossas inquietações surgiram a partir dos questionamentos: Como ensinar Arte para estudantes de uma escola situada num bairro periférico e considerado como área vermelha? Como abordar a autoestima nos aprendizes? Como mediar a percepção visual frente às linguagens artísticas? Qual estratégia para torná-los protagonistas para tecerem novas reflexões a partir do contexto cultural de Manaus? Nosso aporte teórico iniciou com leituras de obras de: Ana Mae Barbosa, Cipriano Carlos Luckesi, Carlos Augusto Cabral Arouca, Fayga Ostrower, Rosa Iavelberg, entre outros, que no decorrer da nossa trilha científica contribuíram de forma significativa para as ações aqui propostas para o bom desempenho dos instrumentos coletados e analisados sistemicamente. Para tanto, estimamos que as considerações aqui relatadas sejam alicerce para que outros apreciadores e/ou pesquisadores da arte ou da cultura urbana possam usufruir e tecer cientificamente outras e/ou novas ressignificações.

Palavras-chave: PEDE-Pedagogia do discurso estético; Aprendizagem de Arte; Manaus.

ABSTRACT

This dissertation intends to bring to future readers some reflections that can serve as a scientific basis beyond the paragraphs produced here, as well as to provide the appreciation of the subjects (teacher and student) for a new thinking-reflecting-doing in art classes in the context of basic education; thus, we chose to affectionately baptize our investigative product "PEDE" which means "Pedagogy of Aesthetic Discourse", which had as its general objective to promote artistic experiences to improve the aesthetic and poetic discourse of students, since, corroborating the praxis of critical-reflexive readings/analyses beyond itself in the scope of the classroom, being linked to the research line "Pedagogical proposal of teaching, learning and creation in the arts", therefore, was developed with the 9th grade class of Elementary School II of a state public school in the central-west zone of Manaus-AM. In this way, our concerns arose from the questions: How to teach Art to students from a school located in a peripheral neighborhood and considered as a red area? How to address self-esteem in learners? How to mediate visual perception in the face of artistic languages? What is the strategy to make them protagonists to weave new reflections from the cultural context of Manaus? Our theoretical contribution began with readings of works by: Ana Mae Barbosa, Cipriano Carlos Luckesi, Carlos Augusto Cabral Arouca, Fayga Ostrower, Rosa Iavelberg, among others, who in the course of our scientific trail contributed significantly to the actions proposed here for the good performance of the instruments collected and analyzed systemically. To this end, we believe that the considerations reported here are a foundation for other appreciators and/or researchers of art or urban culture to enjoy and scientifically weave other and/or new resignifications.

Keywords: PEDE-Pedagogy of aesthetic discourse; Art Learning; Manaus.

1.Introdução

“No processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar, e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita. Desse modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio entre eles”.
Vigotski

Diferentes razões me inspiram na socialização de experiências advindas da educação básica, pois nesse universo rico de conhecimentos e com trajetórias distintas temos muitos estudantes vindos de outras vivências socioculturais totalmente diferentes.

Para tanto, cito incansavelmente que o chão da sala de aula é um “laboratório de experiências” em que compartilhamos muitas experiências, como também, temos a oportunidade em observar o modo singular que os adolescentes/jovens constroem nas inter-relações entre a vida, a cultura e a arte, pois nestas subjetividades percebemos que muitos estudantes precisam vivenciar percursos que suscitem a práxis de leituras da vida, de si e do mundo, para estimular novas perspectivas, sejam essas no âmbito escolar, familiar, cultural e social.

Assim, durante a nossa trilha científica, desenvolvemos reflexões para propiciar a valorização dos sujeitos (professor e aluno) para um novo pensar-refletir-fazer nas aulas de arte no contexto da educação básica; assim, optamos por batizar carinhosamente nosso produto investigativo como “PEDE” que significa “Pedagogia do Discurso Estético”, que teve como objetivo geral promover experiências artísticas para aprimorar o discurso estético e poético dos estudantes, visto que, corroborando para a práxis de leituras e análises crítico-reflexivas para além de si no âmbito da sala de aula, estando atrelada à linha de pesquisa “proposta pedagógica de ensino, aprendizagem e criação em artes”.

Desse modo, assumir o compromisso para educar e mediar reflexões durante o processo de aprendizagem na educação básica, tem-se mostrado como uma tarefa muito inquietadora e desafiadora, fator evidente que afeta diretamente na realização do próprio desempenho escolar com turmas numerosas e com duração do tempo da aula com apenas 48 minutos e, muitas vezes, reduzidos por conta de reuniões,

organização da sala de aula e/ou do comportamento dos estudantes quando ocorre a troca do componente curricular.

Contudo, a cada início do ano letivo formam-se várias turmas e alguns estudantes trazem evidências de indisciplina, ausência de conhecimentos artísticos, carência na própria individualidade/personalidade, tais como: falta de respeito mútuo, empatia, generosidade, solidariedade, tolerância, a falta de apoio familiar, entre outros observados diariamente, ocasionando assim, um acúmulo de funções ao professor de Arte, tornando-se cada vez mais difícil de concluir em um bimestre, e com apenas uma aula semanal por turma, os conteúdos propostos tanto pela base nacional comum curricular quanto ao do currículo escolar amazonense.

Desse modo, ensaiamos e relacionamos que a priori um estudante que esteja bem preparado, o mesmo conseguirá expressar-se/opinar intelectualmente sobre o mundo ao seu redor e sobre a si próprio, entendemos assim que fatores oriundos nessa natureza sejam capazes de permitir aos estudantes tecerem outros olhares para novos significados a partir da própria habilidade artística, pois, “a aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores” (BRASIL, 2017, p. 193), desse modo, é na escola que tentamos solidificar as capacidades criadoras, artísticas e também nos desdobramentos poéticos através das leituras verbais e não-verbais existentes no espaço social, como também, temos uma grande oportunidade para termos novos sujeitos comprometidos com o bem social, coletivo e a si próprio.

Portanto, transformar a sala de aula em um espaço que ofereça meios para incentivar o olhar investigativo intercedido por estratégias de leituras envolvendo o aprimorando da sensibilidade cognitiva para observar as criações artísticas dos próprios integrantes da sala de aula, para que, no desenvolver deste processo de vivência e/ou de experiências, todos tenham novas perspectivas em prol da própria formação cidadã, almejando assim um comportamento mais humanizado, com mais engajamento político-educacional e tendo responsabilidades no próprio fazer-estudar, como também, para constituir uma postura crítica e autêntica perante qualquer meio social em que os estudantes estejam inseridos.

Elegemos o termo “leitura” no decorrer da nossa investigação não somente pela prática ou efeito de ler, mas sim, para além das entrelinhas do texto verbal-visual, pois é necessário que saibamos interpretar ou “ler” o próprio eu interior, a vida e a própria

cultura que nos cerca diariamente, pois é preciso romper fronteiras do desconhecido e dito como regra, modelo ou lei, com isso,

Considera a arte, os artefatos que integram a cultura visual, como forma de pensamento, como um idioma que deva ser interpretado, como uma ciência, ou um processo diagnóstico, no qual se deva encontrar o sentido das coisas a partir da vida que os rodeia. (HERNÁNDEZ, 2000, p.53)

Assim, promover um ambiente favorável para desconstruir tabus da sala de aula almejando simultaneamente um diálogo como uma ação verdadeiramente ativa no convívio escolar, é um meio para o qual temos para envolver os estudantes, pois é notório que uma parcela dessa “nova geração”, empolgados por conta de outros atrativos tecnológicos, como por exemplo, o próprio celular, muitos deixaram de lado, ou não fazem mesmo, uma leitura interpretativa ou dialógica através de textos e pesquisas para enriquecerem o próprio vocabulário ou para também estimular uma boa escrita.

Com isso, alguns estudantes encontram muitas dificuldades ao desenvolver uma produção textual acerca de qualquer tema social, portanto, alguns não conseguem “dizer/falar” a respeito daquilo que está além de uma pintura, grafite, escultura, entre outros, pois, temos diariamente muitas imagens-formas-estilos que surgem em nosso contexto cultural que precisam ser decodificados para que possam entender e, conseqüentemente, valorizar elementos que estão inseridos em nossa herança identitária.

Assim, estimamos que durante o tempo destinado ao conhecimento artístico, os estudantes possam tecer valorosas compreensões/habilidades do componente Arte enquanto área importante à formação humana, que tenham sabedoria no desdobramento dos códigos culturais existentes ao longo do período histórico, como também, que saibam analisar e/ou refletir sobre múltiplas formas e experimentações da arte no cenário contemporâneo.

2. Memórias de si ao embalo das Artes.

Se minha alma pudesse dar pé, eu não me ensaiaria, me resolveria; mas ela se encontra sempre em aprendizagem e à prova.

Montaigne

2.1- Primeiros passos.

Propor uma reflexão sobre a própria trajetória é permitir-se analisar o quanto foi significativo cada etapa dessa caminhada que foi realizada em contextos-espços totalmente diferentes, essas experiências contribuíram consideravelmente para a minha formação profissional, dando ênfase ao meu posicionamento de forma crítica, reflexiva e cultural, e também, para o aperfeiçoamento de estratégias a partir dessas vivências, permitindo-me moldar minhas práticas para desenvolver um bom trabalho no contexto educacional.

Desse modo, enquanto cursava a etapa do ensino denominado na época de 1º e 2º grau, desenvolvi as linguagens das artes de forma bem natural, sem nenhuma pretensão futura para seguir uma carreira docente ou, até mesmo, ser um artista bem-sucedido, porém, sempre tive um olhar curioso, investigativo e muito detalhista, fato este que está presente na minha vida profissional e no meu cotidiano.

Neste sentido, através das minhas leituras/reflexões de mundo (eu queria ser uma pessoa próspera, independente, bem-sucedido) e na percepção das pessoas que circulavam no meu dia a dia, assim, precisei avançar na vida para ter novos projetos, de uma certa forma, me refugiei nas artes com o objetivo em poder contribuir para outras pessoas conforme minhas expectativas de vida e pertencente a uma sociedade tão desigual, tão opressora.

Sou oriundo da cidade de Castanhal-PA e fruto de escola pública, sempre me refiro às minhas origens de forma brilhante, encantadora e com muito orgulho, tive excelentes professores e hoje, atuando na profissão professor, eu tenho um pouco de cada um deles, lembro perfeitamente o modo pelo qual ministravam as aulas semanais e a maneira como interagiam com a turma, no entanto, comecei a ter o contato inicial com as linguagens artísticas através de grupos de danças na escola, de um coral na comunidade religiosa, como também, participei durante muito tempo de um grupo de carimbó chamado Moara, foram muitas experiências que me deram

outras perspectivas na apreciação-vivência da cultura local, e também, direcionando no caminho da vida artística.

Para tanto, coordenei a montagem de figurinos para peças teatrais na escola, criei dramatizações conforme período religioso da igreja católica, e também, desenhei e criei muitos cenários ora na escola como atividade curricular e ora na igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pois fui criado em um berço católico e sempre fui orientado a ajudar aos outros desde cedo, a ser solidário ao próximo, praticando a caridade, solidariedade e o respeito, independente do lugar ou do espaço social que eu ocupava.

No entanto, antes de completar 18 anos, eu tinha o hábito de participar das rodas de conversas e dos ciclos palestras/formações tanto na escola quanto na comunidade religiosa que eu frequentava, e assim, nessa rotina escolar e católica fui crescendo com uma certa maturidade para tentar entender os outros, o meu eu, o mundo, a fé e a própria arte que estava constantemente no meu caminho.

Todavia, essa trajetória inicial foi se ampliando no avançar da minha idade, pois eu sempre estava rodeado de pessoas religiosas e que falavam muito bem, ora então, pensava sempre com meus botões: “eu quero falar bonito”, portanto, passei a ter o hábito frequentemente da leitura, pois acreditei que “quem muito lê, muito lhe é elogiado”, ou seja, tive essa sorte no meu desenvolvimento intelectual.

Assim, esse contato múltiplo com as linguagens artísticas somados às leituras de renomados pesquisadores de artes me direcionaram para outros caminhos e, aos poucos, minha percepção visual e o meu potencial criativo já estavam recheados de muitas experiências, foi então que, nas inúmeras viagens para a cidade de Belém-do-Pará era notório e perceptível o potencial artístico que existe na capital paraense, então, eu ficava encantado com todo o complexo arquitetônico e cultural que estava presente nas trilhas por onde eu circulava nas vias urbanas.

Concluí o ensino básico na modalidade do 2º grau em 1996, passei um bom tempo empregado em lojas do comércio local, mas sempre com o pensamento em querer um curso superior numa área que fosse direcionada para a criatividade, e foi assim que encontrei um curso voltado para o mundo das artes, e com muito esforço, dificuldade e dedicação, fui abençoado no ano de 2008 para cursar Artes Visuais na Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém do Pará.

2.2- Trilhando o olhar acadêmico e/ou estético.

No decorrer do curso, outras páginas se abriram para novas experiências no livro da minha vida, sendo preenchidas de cunho acadêmico, com outros modos de pensar e tendo como base estrutural o aprimoramento dos conhecimentos científicos e artísticos.

Ao ingressar na Faculdade de Artes Visuais (FAV) tive grandes momentos, mediados de aprendizagens e experimentações muito ricas através de várias produções artísticas e que foram essenciais para o amadurecimento de um “novo olhar mais apurado”, sendo este muito inquietador, detalhista e artístico.

Nesta fase de , minha formação acadêmica era notório que as minhas habilidades já estavam bem perceptíveis, principalmente nas aulas práticas, nos laboratórios de criação artística, pois desde adolescente, aprendi a fazer muitas coisas manuais (enfeites, arranjos, embalagens, entre outros.), como meios para ter uma renda própria, isso foi necessário, pois não “nasci em um berço de ouro”, tudo foi adquirido com muito esforço, dignidade e principalmente com humildade, aprendendo e ouvindo através de rodas de conversas e, principalmente observando tudo e todos que estavam nos meus ciclos de amizades.

Seguindo no percurso da vida, adentrei no serviço público no ano de 2015 atuando como “Professor de Arte” na Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, SEDUC-AM, foi a realização de um sonho e início de novas páginas na trajetória profissional que a educação nos proporcionou, dessa forma, inúmeras perspectivas se projetaram no meu caminho profissional e todo o meu desempenho adquirido anteriormente serviu de base perante os desafios que iria enfrentar.

Com isso, assim como fora muito importante ler para me aprofundar nas linguagens artísticas, chegara o momento em que fora necessário mediar outros sujeitos no período da formação estudantil (crianças, adolescentes e jovens), todos oriundos de contextos e realidades distintas de Manaus, porém, reunidos em uma sala de aula com docentes diferentes de ações/práticas educativas totalmente diferentes, mas, almejando contribuir para a sociedade local através da prática escolar.

Ser professor de Arte e atuar na região amazônica é estar diariamente frente à vários desafios, é ter a sensibilidade em pôr em prática de forma criativa meios para conseguir ter êxito nas aulas de artes, pois, é notório que, a cada ano letivo muitos estudantes apenas mudaram de série/turma, porém, não conseguiram avançar na

compreensão do ensino de Artes, dito isso pelo fato pelo qual leciono em todas as séries da escola, fato este que é sinalizado conforme o baixo rendimento em sala de aula, na própria maneira pelo qual os estudantes usam para se expressarem perante a turma e no próprio modo como muitos pensam ou reproduzem dizendo: “aula de arte é só desenhar”, assim, criar soluções é uma tarefa diária após cada bimestre escolar, para que, ao término do ano letivo, algo frondoso possa surgir nos alunos.

Dessa forma, a sala de aula tornou-se em minha rotina profissional um grande espaço de experiências, visto que, existem outros fatores/problemas sociais que estão lado a lado no lugar de moradia dos estudantes, e isso, de uma certa forma, afeta o bom desempenho escolar, pois é evidente uma “certa resistência”, por parte dos estudantes, em não querer aprender e não dar retorno nas atividades ora discursivas ora por equipe, fatores estes relativos ocasionando a falta de interesse no próprio estudo, pois é notório que no componente de Artes que muitos professores formados em outras áreas lecionam para completarem a própria carga horária e isso contribui negativamente na formação artística do próprio estudante.

É nesta perspectiva que analisamos o quanto que um professor pode desempenhar uma jornada de trabalho criativa e inclusiva para ter um desempenho agradável frente ao coletivo da turma, “não é o aluno quem deve se adaptar a escola, mas sim, esta que se presume, deve tornar-se um espaço inclusivo, a fim de cumprir seu papel social, pedagógico e político na busca pela educação na diversidade”. (PAN, 2008, p. 136), para que esteja apto a desenvolver um trabalho digno em benefício daqueles ou daquelas que se encontram com um grande déficit da aprendizagem, principalmente do ensino artístico e que, muitas vezes, encontram-se sem nenhuma motivação, perspectivas ou expectativas para estudar, e até mesmo, dar continuidade nos estudos para adentrar em uma faculdade.

Assim, toda experiência que adquiri durante o meu processo de formação acadêmica foi aos poucos criando formas, ou até mesmo, apresentando traços de minha identidade profissional, pois, adotei uma postura crítico-reflexiva frente as turmas para desenvolver percursos que possam dar referências para ampliar o repertório artístico e cultural dos estudantes, para que estes tenham outras ressignificações perante as linguagens artísticas e, a partir disto, perceber a arte no contexto histórico e na sociedade contemporânea através das diversas linguagens artísticas.

Para tanto, as aulas de arte têm dimensões que estão interligadas para dar uma amplitude aos estudantes, para que estes tenham uma definição das artes e também, possam servir de base para outras definições do conhecimento artístico, assim, no decorrer dessas mediações abordamos a percepção visual para que o estudante possa observar as coisas no próprio cotidiano e no entorno de onde mora; mediamos análises e reflexões conforme os conteúdos, para que os estudantes possam ter a noção de como julgar; e o próprio fazer artístico como elemento conceitual, para que os estudantes possam entender o processo criativo.

Para que os estudantes tenham oportunidades no desenvolvimento das habilidades próprias e das competências conforme o avanço de cada bimestre, assim, neste jogo de saberes que firmo o compromisso em estar a serviço da classe estudantil, no intuito de oferecê-los oportunidades para perceberem a si próprio, pois é necessário termos uma nova perspectiva de vida, para que possamos refletir e pensar, assim, “o ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente” (LARROSA, 2004), neste sentido, fomentar momentos entre os estudantes propiciando o engajamento coletivo e artístico, ao mesmo, estimular a curiosidade no avançar de um olhar mais sensível e poético regrado ao modo para compreender o outro, as diferenças e a si próprio, são fatores que podem contribuir positivamente ao processo da aprendizagem artística no contexto escolar.

2.3 - Nas fontes do Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES.

Por sorte do destino, ingressei no Mestrado Profissional em 2022 na UFAM, assim, um novo caminho se abriu para tentar suprir minhas inquietações no campo docente, foi então, que tive o privilégio de conhecer outros profissionais que, de uma certa forma, me deram embasamento teórico para desenvolver o ato da pesquisa e outros meios para intervir na educação básica, em destaque, na sala de aula junto com meus alunos e alunas, num embalo entrelaçando mestrado com sala de aula com realidade educacional.

Desse modo, ressalto como grande valia que durante os semestres do mestrado, algumas disciplinas me impulsionaram e serviram de base teórica à minha pesquisa, elas foram: Metodologias Contemporâneas: a interculturalidade no ensino das artes, ministrada por Valter Frank de Mesquita Lopes; Música, cultura e Sociedade, ministrada por Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto; A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola, ministradas por Eneila Almeida dos

Santos e Lucyane de Melo Afonso, todas tiveram importâncias significativas para minha produção dissertativa, pois foram nestas disciplinas que pude “conectar” minhas ideias/ações durante o percurso científico.

Deste modo, estar no mestrado profissional é um momento para que tenhamos um certo amadurecimento para desenvolvermos em nossas salas de aulas frente aos estudantes do ensino fundamental, ou seja, ampliar os estudos teóricos da faculdade junto às realidades da escola é uma ação que podemos ter para engajarmos os estudantes na busca de terem outras vivências significativas nas linguagens artísticas.

Com efeito, produzir cientificamente é um meio para que possamos, enquanto professores-pesquisadores, termos estratégias de ensino para ampliar os modos de leitura visual durante o percurso de aprendizagem dos estudantes, para que estes sejam protagonistas, independente de espaços e posições sociais, com perspectivas entrelaçando a cultura local e as linguagens artísticas como pressupostos teóricos ao desenvolvimento intelectual e artístico.

3. Breve Histórico da Escola Estadual Waldemiro Peres Lustoza.

Deste modo, nossas inquietações são oriundas da Escola Estadual Waldemiro Peres Lustoza que foi inaugurada pelo Decreto Lei Nº 9323 de 02 de abril de 1986, pelo Governador Gilberto Mestrinho, a escola tem como aspectos fortes: uma boa relação professor-aluno, qualificação do corpo docente, aplicação de metodologias inovadoras, implantação de programas Formando Cidadão, Reforço Escolar, atendimento especializado na sala de recursos e uma ideologia pautada nos valores étnicos e morais.

Atualmente a escola funciona com o Ensino Fundamental II anos finais, turno matutino e vespertino; EJA Fundamental II; EJA Médio – turno noturno; Ensino Médio 1ª a 3ª série Regular – turno noturno.

O nome Waldemiro Peres Lustoza foi uma indicação e homenagem prestada pelo Governador Gilberto Mestrinho ao grande Armador pelos relevantes serviços prestados ao Estado do Amazonas em vários governos.

Portanto, a Escola Waldemiro Peres Lustoza, localizada na cidade de Manaus, na zona centro-oeste, à rua T-06, nº 33, no bairro da Compensa III, tendo sua área valorizada e habitada com ruas asfaltadas, iluminadas, saneamento básico e coleta de lixo.

A comunidade escolar está localizada em um bairro periférico de Manaus que se caracteriza como uma área vermelha, onde infelizmente tem um grande crescimento do tráfico e violência, pois o bairro é formado por moradores antigos, e por pessoas oriundas dos municípios de Cacau Pirera e Iranduba, desde modo, uma grande parte dos estudantes provém de famílias com baixo poder aquisitivo, muitas com pouca ou sem formação escolar, apresentando também desestruturas no contexto familiar.

Para tanto, é neste contexto local em que se encontra a Escola Estadual Waldemiro Peres Lustoza, visto que, além das características mencionadas, muitos estudantes têm um perfil de agressividade, ou seja, existem situações-problemas “de fora da escola” que afetam diretamente no desempenho coletivo educacional.

Assim, entendemos que através da proposição interventiva aqui investigada possa corroborar diretamente para o desenvolvimento intelectual e social de novos saberes entre os estudantes, para que os mesmos tenham oportunidades que estimule a reflexão, a autocrítica e autoconhecimento sobre outros modos de fazer arte e pensar arte através de outras realidades sociais.

4. Por uma perspectiva além dos muros da escola.

Desse modo, pensamos que é na escola que temos um período favorável para prepararmos ou mediarmos bons leitores, para que sejam capazes em perceber nas cores, nas imagens e na pluralidade de culturas outros modos singulares que representam expectativas, dramas, utopias e também, causas sociais, pois, é válido mencionar a existência de muitos códigos visuais existentes no complexo urbano, então, nesta perspectiva, expandir a sala de aula da escola para a “sala da rua” é um meio para orientar aos estudantes no entendimento destes fatores que englobam o circuito artístico-cultural fora do ambiente escolar, deste modo:

As produções artísticas presentes nas culturas diversas das diversas sociedades humanas fazem parte direta e indiretamente da vida dos estudantes. Por isso, os aspectos artísticos e estéticos dessas culturas, em sua gama de elaborações históricas contemporâneas, deverão mobilizar as escolhas dos conteúdos escolares em arte. Dentre os conhecimentos, é importante ter-se como critério a opção por aqueles considerados mais significativos para a formação do cidadão contemporâneo. (FUSARI; FERRAZ, 2001, p.70)

Contudo, somos seres que nos comunicamos diariamente de vários modos, e com isso, compartilhamos as nossas emoções e também os nossos sentimentos, pois estamos inseridos em vários espaços de convivência em nosso cotidiano, e com isso, percebemos a arte que nos circunda.

De fato, trazer questionamentos na etapa do ensino básico é, de um certo modo, contribuir para a melhoria de uma sociedade menos desigual, na busca incansavelmente de criar um percurso que nos encorajem para irmos além dos corredores escolares, que possa ser percebido como uma ação libertadora, para que, deste modo, os estudantes tenham a sabedoria e o discernimento em fazer escolhas certas ao longo da formação da própria personalidade durante a trajetória escolar.

Portanto, é no “chão da sala de aula” que podemos fruir as dimensões do diálogo, no sentido de coletividade, para que a partir desta perspectiva tenhamos outras narrativas artísticas visando o convívio social, ao mesmo tempo, aperfeiçoando modos de entendimento interligados ao contexto artístico contemporâneo.

Neste sentido, aprimorar a percepção visual é permitir aos estudantes que tenham a capacidade de identificar no entorno onde moram, e também em espaços virtuais, outras formas de comunicação artística, para que tenham a sensibilidade em saber interpretar os códigos artísticos existentes nos grafites, nas pinturas, nas esculturas e na arquitetura local, para que a partir disso, possam formar outras narrativas e cultivar a herança cultural existente em nosso cotidiano.

Para tanto, mediá-los para serem protagonistas de suas próprias escolhas, tornando-os ativos no intuito de otimizar autonomia para que sejam capazes de realizarem leituras estéticas ao entorno de onde vivem e da própria sociedade contemporânea, para que tenham a iniciativa em fazer investigações que favoreçam o crescimento do pertencimento da identidade cultural, como sujeitos proativos e tenham caminhos diversos que priorizem a conservação da própria origem e do patrimônio artístico local, pois:

Estudar as particularidades de cada região e estabelecer relações com contextos comunitários próximos e distantes produz motivação para aprender, promove a educação ética, a cidadania, as práticas de inclusão social e amplia a visão crítica sobre questões do cotidiano no tempo e no espaço (IAVELBERG, 2007, p. 10).

Desse modo, conscientizar e mediar os estudantes para que sejam possíveis leitores visuais e apreciadores das linguagens artísticas para que tenham uma

sensibilidade do olhar propiciando interpretações e reflexões sobre o próprio ensino de Arte com foco nas diversas formas de expressão artística e cultural.

Nestas perspectivas, tentar diminuir o baixo rendimento na aprendizagem artística no processo educacional, dando vez e voz para estudantes em adentrarem ao universo das artes para um melhor aprimoramento dos saberes e dos fazeres artísticos, para que, a partir disso, possam ser capazes de realizarem outras leituras visuais e/ou estéticas existentes em nossa sociedade, pois, “aprender em arte implica desafios, pois a cultura e a subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções, e a marca individual é aspecto constitutivo dos trabalhos” (IAVELBERG, 2007, p.11).

Assim, pensar nesta formação durante o período da educação básica é perceber que existem vários estudantes que estão em fase de descobertas, que buscam respostas a todo instante e que trazem conhecimentos prévios de outros contextos sociais e familiares, dessa forma, atuar em uma sala de aula é saber lidar com essas personalidades recheadas de opiniões e emoções diferentes.

Dessa forma, entende-se que o professor de Artes tem uma grande importância durante a relação dialógica de conhecimentos, para que atue de forma dinâmica, criativa e possibilite atuar com sabedoria para atrair os olhares e atiçar a curiosidade dos estudantes durante o tempo destinado às aulas de arte, objetivando caminhos e estratégias para o entendimento dos conteúdos bimestrais, valorizando as habilidades e as competências para surgir novos percursos para o conhecimento, pois:

Cartografar seu próprio fazer pedagógico, como um professor propositor, é elevar-se à condição de criador dos próprios percursos de aprendizagem junto aos alunos, de tecer coautoria do seu pensar/fazer pedagógico com escolha de caminhos que possam abrigar e expressar também desejos de seus alunos. (MARTINS; GUERRA; PICOSQUE, 2010, p. 195).

Com isso, ser professor de Arte é ter a possibilidade em dividir o mesmo espaço físico e ter outras experiências junto aos estudantes, compartilhando emoções para um bom entendimento acerca conteúdos artísticos.

5. Tecendo experiências, lendo vivências!

Portanto, ser professor efetivo da SEDUC-AM e ser licenciado pleno em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará-UFPA é ter o privilégio de entrelaçar as culturas “paramazonas”, assim classifico a junção do Pará e Amazonas, pois temos nossas origens históricas e, como tal, estar em contato com estudantes de faixas etárias diferentes é uma experiência muito interessante, pois faço parte da cultura nortista e, como tal, é gratificante poder aprimorar a cada ano letivo novas oportunidades de mediação frente aos novos estudantes da educação básica.

Dessa maneira, mediar caminhos para que sejam além dos muros da escola, é uma tarefa louvável, pois existem vários brasis na sala de aula, todos juntos e não-juntos com percepções de mundo/cultura/vida diferentes, e que, muitas vezes, são revelados na fase da adolescência no impulso da afetividade e criatividade.

É nesta perspectiva e com ações significativas que compete ao professor utilizar meios criativos com aulas expositivas para que possa otimizar na sala de aula outros olhares dos estudantes, para aguçar a curiosidade nas diversas formas de expressão artística, dando ênfase à novas experiências e ao entendimento de linguagens contemporâneas, para construir outras narrativas a partir da capacidade de observação e percepção visual, desse modo,

A arte, por si só, não opera transformações na educação, mas, as experiências com os processos de criação podem reorientar o sentido de ensinar, o papel do professor, a imagem da escola, bem como o valor das práticas culturais nas comunidades e na vida pessoal e profissional dos professores e nas relações entre as escolas e as instituições que promovem ações sociais. (IAVELBERG, 2007, p. 23).

Contudo, valorizar o autoconhecimento, a expressividade e a produção artística em sala de aula objetivando outras trilhas para o saber científico e cultural, é permitir que cada estudante descubra e experimente outros meios para adquirir uma linguagem significativa e construtiva na própria caminhada estudantil, que busque meios relevantes ao expressar-se artisticamente, ao mesmo tempo, buscando conexões com a própria realidade social, pois cada estudante dialoga de forma particular, principalmente junto a outros estudantes no convívio escolar.

Desse modo, prepará-los para terem posicionamentos favoráveis à formação humana é fator importante nesta etapa da vida escolar, como meio de orientá-los para terem outros desdobramentos ao observarem as diversas formas de expressão

artística existente na sociedade, potencializando-os, para que, a partir dos próprios discursos possam dialogar aos pares de forma respeitosa frente a cultura local ou em outros espaços de interação social.

Nestas perspectivas, pretendemos que os estudantes sejam capazes de fazerem leituras estéticas num amplo aspecto social, cognitivo e cultural, que tenham a sensibilidade e a percepção da arte em diferentes espaços urbanos, para saber analisar as dimensões que contemplam o fazer artístico e o próprio ser humano, independente de espaços-territórios, assim:

Numa sociedade predominantemente imagética, a importância do desenvolvimento de diferentes estratégias para a aquisição de códigos que possibilitem leituras visuais de maneira aprofundada é vital. A prática de uma disciplina de Arte que trabalhe não somente exercícios de leitura visual, mas que gradativamente insira também leituras e escritas de textos como forma de aprofundamento, colabora para a formação dos estudantes em um contexto mais amplo de aprendizagem (AROUCA, 2012, p. 16).

Neste processo, preparar o ambiente da sala de aula que possa gerar um aprendizado interdisciplinar é um fator indispensável ao currículo, como também desconstruir posturas e padrões no contexto escolar, pois é relevante o surgimento de novos caminhos para atizar a curiosidade estudantil, pois é preciso “que os alunos construam um olhar mais estético, mais amplo e que envolva a cidade, que não se limite somente na educação erudita” (AROUCA, 2012, p. 12).

Portanto, mediar rodas de conversas para o diálogo no qual permita compartilhar saberes e experiências é uma alternativa que nos permite entrar em outras trilhas do saber para que os estudantes tenham condições em observarem uma obra de arte, como também, de questionarem o próprio fazer artístico da turma, desse modo, entendemos que a partir dessas etapas na aprendizagem, teremos estudantes mais organizados frente aos conhecimentos das artes, pois a prática do discurso, ou melhor, o modo singular de falar nos permite alcançar outras dimensões que irão além do processo de formação escolar, fortalecendo a autonomia perante outros contextos sociais.

6. Ser professor de Arte versus apreci[Arte].

Com uma certa bagagem cultural adquirida na trajetória do ofício em servir a comunidade escolar, fatores pelo qual me impulsionam para a prática de outros meios/métodos na busca de tentar conseguir realizar uma boa aula e, objetivando diminuir as perdas pedagógicas e artísticas dos estudantes oriundos de outras realidades e outros contextos sociais.

Para tanto, são perceptíveis o quanto muitos estudantes ainda estão voltados ao “pensamento tradicional do componente de artes”, ou seja, pensam que é somente para “pintar e desenhar”, fato este que pode estar relacionado ao preparo das aulas de artes ou também de não terem um profissional formado da área de artes nas séries iniciais, portanto, estimular novas experimentações já no final do ensino fundamental é algo desafiador, porém, é um momento propício para o amadurecer de um novo olhar, que ofereça novos sentidos e novas reflexões no fazer arte na sociedade repleta de formas, cores e estilos.

Desse modo, “os estudantes têm o direito de contar com professores que estudem e saibam arte vinculada à vida pessoal, regional, nacional e internacional” (FUSARI & FERRAZ, 2001, p. 53), para que o professor possa desempenhar um bom trabalho, com qualidade e responsabilidade em prol dos inúmeros estudantes na educação básica.

Partindo dessa análise preliminar, é fato que, em destaque ao contexto educacional manauara, em lócus, no ensino de Arte dos anos finais, em específico na turmas de 9º ano, existem muitos estudantes que avançaram nas séries, porém, apresentam baixo rendimento em relação aos conteúdos bimestrais, e também, ao modo como se relacionam, ou seja, é notório a carência de muitos valores que dão alicerce no desenvolvimento da formação humana, e diante disto, refletem diretamente ao bom desempenho e ao bom comportamento escolar numa dimensão biopsicossocial.

Então, diante dessas questões norteadoras, como ensinar Arte para estudantes de uma escola situada num bairro periférico considerado como área vermelha? Como desenvolver a autoestima desses aprendizes frente a outros problemas sociais? Quais estratégias sugeridas para que possam perceber a arte no contexto onde vivem?

Como torná-los protagonistas frente às linguagens artísticas? Como mediar experiências favoráveis para ampliar o discurso estudantil?

Assim, com base nas leituras de Barbosa (1998, 2010a, 2010b, 2012); Luckesi (2007); Arouca (2012); Ostrower (2014); Ferraz & Fusari (2001, 2010); Piletti & Rossato (2017); Iavelberg (2003), entre outros que contribuíram de forma significativa para as ações aqui propostas para o bom desempenho dos instrumentos coletados e analisados sistemicamente.

Neste sentido, optamos por investigar quais seriam os benefícios e as vantagens ao adotarmos uma proposta pedagógica denominada, até então, de “PEDE - Pedagogia do Discurso Estético” como ação interventiva na aprendizagem de arte nas turmas do ensino fundamental, em destaque para a turma do 9º ano 01 do turno matutino, para que a partir das observações coletadas possamos relacionar e identificar os fatores benéficos aos estudantes para tecer outras reflexões acerca da aprendizagem de Arte no contexto da educação básica na cidade de Manaus.

Desse modo, estimamos criar ao longo desse processo investigativo novas trilhas para o desabrochar de novos conhecimentos através das linguagens artísticas, também como, otimizar percursos no aprimoramento da percepção visual dos estudantes dando subsídios na criação visual, para que estes tenham outras formas de leituras acerca dos elementos compositivos inseridos em uma obra de arte, independente do contexto histórico-social.

Contudo, percebemos que cada estudante tem um modo particular para relacionar-se com o outro, da mesma forma, apresentam diferentes definições sobre a Arte, como também, de observar a cultura e as imagens que estão inseridas nos livros didáticos, nos bairros, no mundo virtual, e no trajeto que se faz entre a escola e o local onde vive, pois, cada estudante se deixa atrair por algo que lhe agrada a visão, para depois disso, ter um posicionamento plausível.

Todavia, o olhar e a percepção estão diariamente em constante fluxo, assim, “alunos e professores devem ser vistos como seres humanos, numa unidade orgânica de sentir, agir e pensar, que necessita ser considerada no cotidiano escolar” (PILLETI, 2017, p. 43).

Com isso, é preciso estabelecer uma boa relação-convivência entre professor-aluno, para que ambos possam dialogar aos pares sobre os conteúdos e/ou conceitos que aportam para a cultura, para o fazer artístico e para a criticidade (juízo de valor).

Embora haja diversas formas de como entender e como ensinar arte na escola, na atualidade a disciplina arte é compreendida como componente curricular obrigatório, que tem suas dimensões distribuídas em: Artes Visuais; Música; Dança; Teatro, além das artes integradas, sendo estas que também fazem conexões com outras formas entre as linguagens artísticas.

Assim e, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entendemos que a Arte é um saber passível para ser ensinado e aprendido e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Desse modo, pensamos e analisamos a arte como meio para o desenvolvimento artístico e intelectual dos alunos, pois, “o componente Arte no ensino fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporânea”. (BNCC, 2018, p. 63).

Portanto, ter um bom convívio entre professor e aluno é ter a oportunidade para juntos discutirem, analisarem e debaterem sobre diversas linguagens artísticas, como também, perceberem juntos os processos de criação para terem outros desdobramentos, através das análises visuais.

Desse modo, os estudantes enquanto coautores e produtores e/ou apreciadores de algum tipo de arte precisam ter maturidade artística durante a etapa escolar, nesta perspectiva observamos que “na escola os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da Arte, se abrindo para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade (POUGY; VILELA, 2018, p. VI).

Assim, nenhum aluno estar fora das linguagens artísticas, pelo contrário, muitos têm o contato diário, sendo que, com modos e locais diferentes, pois cabe ao professor de arte ter a sensibilidade para usar de várias formas em trazer para perto da classe estudantil o quão grande é a área de arte enquanto formadora de opinião e de personalidade, assim

A arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber (PICOSQUE; GUERRA, 2009, p.12).

Então, se apropriar dos conceitos e do próprio ensino da arte é uma forma dos estudantes terem a noção do processo histórico-social que gerou grandes obras de arte e artistas, que também possa potencializar o intelecto para saber identificar novas composições artísticas após o século XIX e que no cenário contemporâneo, dão outras formas e vozes para outras interpretações subjetivas oriundas do homem contemporâneo.

Para tanto, não pretendemos “formar artistas” ou simplesmente ter “respostas prontas”, mas sim, adequar no tempo de aula de Arte experiências significativas para toda a turma, mediando a sensibilidade para observar expressões artísticas e artistas que surgiram em contextos históricos diferentes, da mesma forma, entender os estilos visuais e poéticos dos artistas contemporâneos.

Assim, otimizar o espaço da sala de aula em um lugar que haja interrogações e investigações é salutar ao desenvolvimento das individualidades existente nos corredores da escola para eleger bons leitores numa dimensão otimista para outros contextos urbanos, pois isso é possível de ser alcançado através das vias das artes, pois o ato de educar é um processo indispensável na transformação social e no engajamento de agentes culturais.

6.1. O nascer de uma proposta para a aprendizagem em artes.

Ao longo dessa discussão pretendemos fazer reflexões a partir da proposta pedagógica definida como PEDE- Pedagogia do Discurso Estético que tem origens derivativas a partir da *Abordagem Triangular do ensino de arte*, sendo que, elegemos os eixos estruturantes da seguinte forma:

- 1) A interação entre os estudantes para o surgir de novas experiências;
- 2) Dinamizar as aulas de arte;
- 3) Aprimorar a percepção visual conforme as linguagens artísticas;
- 4) Estimular o fazer-artístico a partir dos conteúdos do currículo escolar.

Assim, pretendemos investigar de que forma a PEDE poderá ser útil na formação dos estudantes como meio de potencializá-los conforme as habilidades e as competências, como também, perceber neste percurso quais recortes contribuirão para a caminhada docente, como meio para investigar a metodologia plausível para a formação dos discentes na etapa da educação básica, pois “ensinar a ler imagens é ensinar a ler o mundo. Ensinar a representar por meio de imagens é ensinar a reorganizar o mundo a partir do seu ponto de vista” (AROUCA, 2012, p. 39).

Assim, pretendemos propor algumas reflexões para que possam ser feitas intervenções para dar subsídio aos estudantes, para que esses tenham vivências e experiências que sejam de caráter formativo nas trilhas da arte, otimizando o processo da criatividade e estabelecendo conexões que sirva de base para o diálogo e o fortalecimento da autoestima, pois, estes fatores são essenciais para um bom desempenho ao desenvolvimento escolar e são indispensáveis ao crescimento intelectual e artístico frente a sociedade manauara que é multicultural.

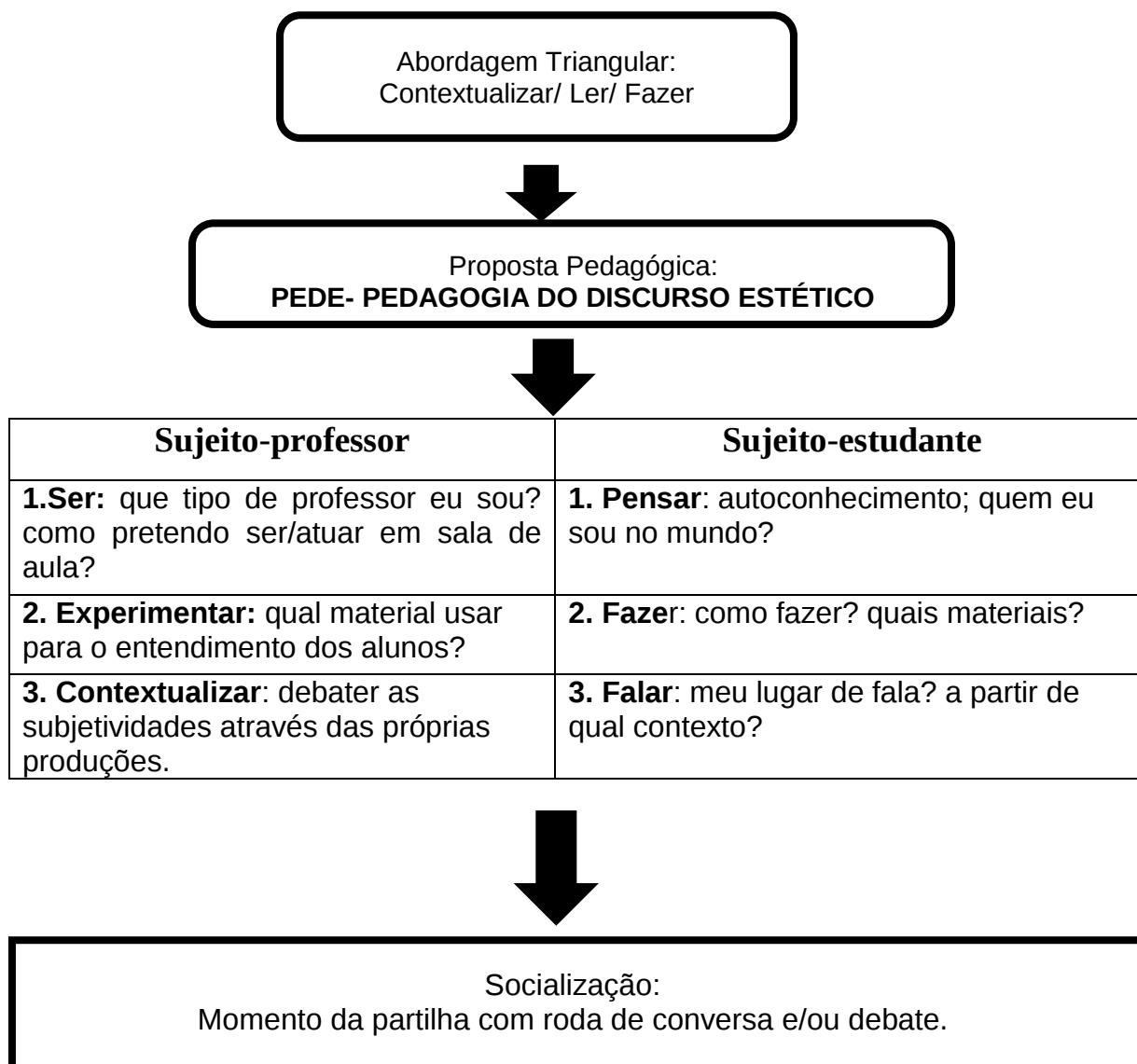
Com isso, permitir uma participação mais ativa nas aulas de arte através das análises de cada estudante é uma forma de inseri-los diretamente no processo de aprendizagem, pois muitos têm modos de vida diferentes e com isso, cada uma tem uma forma própria de perceber as coisas, as artes e os lugares por onde circulam.

Deste modo, oferecer aulas dialogadas e dinâmicas de conhecimento próprio e de cunho cultural são relevantes para aproximá-los ao rico universo das artes que se faz presente nas vias urbanas de Manaus, portanto, falar de arte de um modo mais próximo da realidade de cada um é indispensável para os mesmos tentarem perceber para interagirem ao contexto cultural existente na escola e na comunidade em geral.

Acreditamos que ao incentivar a leitura em sala de aula seja uma alternativa valorosa para a prática da socialização entre os saberes artísticos, estéticos e culturais mais complexos, ou seja, mediar a interlocução com base em textos verbais e não-verbais através das atividades de aplicação permitirá a participação coletiva e, ao mesmo tempo, somará ao processo interdisciplinar, pois, ao abordar uma imagem ou desenhos feitos pelos estudantes, os mesmos têm significados próprios atribuídos em suas feitura e, a partir disso, o modo de falar ou explicar ficará mais evidente.

Portanto, é válido mencionar que “a arte é um importante meio de comunicação do ser humano, seja por meio da música, do teatro, da dança, das artes visuais ou de qualquer outro tipo de manifestação artística” (MAGRIN; SANTANA, 2013, p.152), e assim, termos espaços dentro da rotina escolar para a partilha e o debate da própria produção em sala de aula é um meio para podermos aprimorar os aprendizes para além dos conteúdos artísticos, para que, através dessas conexões poderemos ter um quantitativo mais qualificado em relação aos conhecimentos e as diversas linguagens artísticas.

Assim, entendemos que a partir das considerações sobre a PEDE, os sujeitos “professor e estudante” estarão inseridos e organizados da seguinte forma:



Com isso, temos a partir da abordagem triangular como fonte inspiradora, desse modo e conforme Barbosa:

[...] o contexto se torna mediador e propositor, dependendo da natureza das obras, do momento e do tempo de aproximação do criador. A contextualização, sendo a condição epistemológica básica de nosso momento histórico, como a maioria dos teóricos contemporâneos da educação comprovam, não poderia ser vista apenas como um dos lados ou um dos vértices de processo de aprendizagem. O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto. (BARBOSA, 2010a, p. XXXIII).

É neste sentido que propusemos investigar junto às turmas dos anos finais do ensino fundamental como os estudantes podem adquirir novas experiências estética e reflexivas, para que tenham um olhar mais apurado e investigativo, a partir das próprias produções e do outro, criando diálogos significativos ora individualmente ora coletivamente, fortalecendo o autoconhecimento e reconhecendo a diversidade artística e poética no próprio contexto da sala de aula.

7. Por que uma pedagogia do discurso estético?

A priori, nossa investigação denominada de “PEDE-Pedagogia do discurso estético: uma proposta interventiva na aprendizagem de Arte para além das leituras de si no contexto manauara” tem como eixo estruturante o protagonismo juvenil no aprimoramento através da prática da leitura de caráter verbal-visual, ou seja, com o intuito em mediar experiências significativas para o entendimento das interrelações abrangendo as artes, os artistas e a cultura local manauara.

Sugerimos o termo pedagogia do discurso estético como instrumento pedagógico para proporcionar ao estudante condições favoráveis durante o processo de aprendizagem e para melhorar a relação estudantil, como também, oferecer etapas de autoconhecimento e de reflexão crítica, para que após o ciclo da escolaridade, na vida adulta, saibam fazer boas escolhas, e tenham a maturidade em ouvir e entender o outro, numa dinâmica de inter-relacionamentos sociais, pois conforme Freire (2017) ao analisar o diálogo como forma de amor entre as pessoas e o mundo, que não seja na forma de dominação, mas contendo o fundamento do diálogo, o amor é, também dialógico.

Desse modo, optamos por possíveis caminhos que pudessem superar a timidez, estimulando aos discentes vez e voz, num jogo que envolva o protagonismo juvenil e a autonomia ao realizar investigações científicas e artísticas, pois cada um tem uma maneira própria de ver/observar o mundo, e estimamos que, através da práxis de leituras “de si e do mundo”, teremos uma dimensão libertadora e isso, contribuirá no entendimento das proposições poéticas das linguagens artísticas, pois ao analisar os aspectos, cores e formas teremos também uma dimensão da própria sensibilidade visual, pois “assim a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos”. (PILLAR, 2001.p.12).

Figura 1: apresentação na turma 9º ano 01 sobre as artes utilizando mapa mental



Fonte: o próprio autor.

Ao promover momentos de partilha do saber na sala de aula construímos um espaço que nos revela um pouco de cada estudante, seja na maneira de como se posicionam perante aos próprios colegas e, até mesmo, quando conseguem dar respostas conforme o que estão apresentando no próprio trabalho/atividade, desse modo, ouvi-los de forma criteriosa e cuidadosa é uma dimensão rica de conhecimento, pois é nesta etapa que fazemos as conexões envolvendo a arte e o modo de vida, independente de opiniões diferentes, desse modo, cada estudante oferece aquilo que lhe é percebido e adquirido, ou seja, aquilo que lhe é próximo ou parte de si.

Neste sentido, essa troca de informação entre os alunos nos possibilita vários questionamentos e muitas reflexões, pois cada aprendiz usa uma singularidade para expor aquilo que lhe convém e agrada aos próprios olhos, pois:

Ao promover momentos de leitura coletiva de obras ou conceitos artísticos, nos quais os alunos são convidados a expressar suas ideias ou a fazê-lo de maneira espontânea, o professor se afasta da personificação de detentor único do saber para adotar uma postura de mediador de saberes (AROUCA, 2012, p. 17).

Assim, compreendemos que o espaço da sala de aula é também um lugar que possamos mediar vários questionamentos que estão inseridos no desabrochar dos

adolescentes, pois para muitos, o ato de trocar ideias entre os pares é algo muito interessante para entender e ajudar o próprio colega de sala, pois muitos estudantes ficam tímidos ao falar de si próprio, portanto, realizar apresentações e exposições no contexto da sala de aula é contribuir diretamente para o desenvolvimento da leitura individual, da produção textual e para o entendimento de outros discursos existentes entre os estudantes.

Desse modo, estimular o olhar investigativo é uma das maneiras que temos para propiciar aos estudantes vários desdobramentos, sejam estes de qualquer conteúdo, pois, é notório que muitos estudantes têm um potencial de criação e conseguem se destacar quando realizam as atividades práticas.

7.1 - É pra copiar professor? Quantas linhas eu deixo?

O ato de ensinar adolescentes e jovens na escola é um período que exige muito esforço e criatividade, pois, no decorrer dessa fase temos uma rotina muito desafiadora e que a cada início de ano letivo, observamos o quanto muitos estudantes são “meramente aprovados”, porém, na qualificação dos saberes comportamentais, familiares, religiosos e artísticos, muitos estão bem distantes e do outro lado das vias da escola.

Ensinar, ou melhor, tentar ensinar arte é uma missão inquietadora, pois é perceptivo, logo no início no ano letivo, através da realização de diagnóstico nas turmas, que uma grande parte dos estudantes apresenta um déficit de aprendizagem, e que a cada mês se evidencia nas diversas turmas dos anos finais do ensino fundamental, fato este que se torna preocupante, principalmente quando se refere aos conteúdos que são escolhidos conforme a proposta curricular amazonense.

Toda vez que escuto “é pra copiar professor e quantas linhas eu deixo”, de imediato percebo o quanto os estudantes dependem ou só esperam fazer algo se tiverem a ordem do professor, ou seja, eles não conseguem apresentar uma certa independência no processo de aprendizagem.

Assim, forma-se uma imagem em minha mente, ou melhor, reflito que muitos estudantes foram “catequisados somente para escrever ou desenhar”, pois, neste sentido, muitos só conseguem perceber a arte através de um desenho feito à mão ou reproduzido através de cópias de livros; definição esta que se dá pela grande parte dos estudantes quando são questionados no início das aulas do ano letivo.

É neste contexto de ensino da Escola Estadual Waldemiro Peres Lustoza que foram feitos recortes temporais na tentativa de tirar muitas dúvidas, ou melhor, criar/sugerir respostas, para que todos pudessem refletir sobre a importância da arte na escola e, ao mesmo tempo, refletir sobre si próprio durante o processo de aprendizagem, pois somos seres sensíveis e poéticos, e dessa forma produzimos e fruimos arte.

Desse modo, é perceptível uma grande carência, até mesmo, uma certa inocência, pois o modo de falarem e como explicarem sobre alguns conteúdos me revelava uma triste realidade, muitos não tinham sequer alcançados o verdadeiro sentido da arte durante os anos iniciais.

É neste cenário da educação manauara que pretendemos analisar até que ponto pode ser útil o entrecruzamento a partir da Abordagem Triangular nas aulas de arte e a própria vivência dos estudantes, como intervenção para um novo olhar mediante as próprias experiências estudantis, pois “a educação escolar e o meio social exercem ação recíproca e permanente um sobre o outro” (FUSARI & FERRAZ, 2001, p. 25).

Portanto, fazer a conexão entre a arte, a vida e a cultura é uma tarefa árdua, principalmente com as turmas dos anos finais do ensino fundamental, pois muitos estudantes passaram um bom tempo de suas formações iniciais reproduzindo desenhos e/ou figuras como mero passa tempo nas aulas de arte, pois o maior questionamento das turmas se dá quando são estimulados a escrever, ou até mesmo, a falarem de obras/elementos de arte e das linguagens artísticas na atualidade, pois muitos desconhecem.

Diante dessa realidade observada nas aulas semanais, pensar numa educação que seja capaz de transformar os estudantes em pessoas melhores e mais inteligentes, é saber lidar com as diferentes opiniões, é saber o que articular e como fazer diante de um cenário que é preocupante a cada ano letivo, pois muitas turmas já apresentavam características de apenas retirar o que está no quadro branco.

Com isso, muitos estudantes não conseguem interagir ou, até mesmo dar uma resposta adequada, quando solicitados durante o tempo de aula, é válido mencionar que a missão de educar se tornou muito desafiadora, pois “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo” (FREIRE, 2017, p. 115), pois surgem outros problemas além dos muros escola e que são afetados diretamente na

aprendizagem artística, pois a escola é também responsável por formar sujeitos para atuarem em outros contextos sociais, é uma troca de saberes que se entrelaça na condição humana e na formação intelectual.

Portanto, é no contexto escolar que ficam evidentes o quanto os estudantes precisam de ajuda durante essa etapa de escolarização, para que de fato, possam no futuro serem protagonistas de outras escolhas e construam outras narrativas viabilizando o bem-estar entre os pares, até entre os ímpares também.

Por isso, somos seres pensantes e únicos em vários aspectos, é necessário termos uma boa formação para tentar diminuir as fronteiras entre os diálogos da aprendizagem, pois “alunos e professores devem ser vistos como seres humanos, numa unidade orgânica de sentir, agir e pensar, que necessita ser considerada no cotidiano escolar” (ROSSATO & PILETTI, 2017, p. 43), construindo conexões entre as experiências diárias e a aprendizagem escolar.

Toda experiência em sala de aula deve ser observada com muita intensidade, pois existem duas condições humanas importante, que são o professor e o aluno, ambos têm realidades e expectativas de mundos diferentes compartilhando o mesmo espaço físico, isso reflete o quanto pode ser desafiador mediar experiências outras através do currículo educacional, pois, o cotidiano escolar é um campo híbrido de conhecimentos com constantes fluxos e muitas ressignificações.

Assim, um dos focos desta pesquisa é termos experiências significativas com os estudantes a partir das produções artísticas, objetivando momentos destinado ao debate coletivo sobre a escolha dos elementos compositivos de cada criação, para que todos da turma possam apreender na prática o processo de criação, sendo este desenvolvido poeticamente e singular.

Desse modo, entendemos que através da produção e do protagonismo juvenil ao mencionar a própria criação, percebemos que esses fatores contribuíram generosamente para a formação intelectual artístico, pois, uma das formas de compreender os estudantes se dá quando estes falando de suas vivências e de como conseguem perceber o mundo, as pessoas e os acontecimentos ao longo da história da humanidade, até mesmo, como definem a arte através de linguagens diferentes.

Para tanto, atuar no ensino básico na cidade de Manaus nos estimula para que tenhamos caminhos metodológicos eficazes para aproximar a arte junto aos estudantes rumo à novas experimentações artísticas, como também, alinhar a

disciplina escolar, dando ênfase para minimizar a falta de interesse nos estudos e na entrega das atividades de aplicação propostas durante a semana, situação que reflete diretamente no baixo rendimento escolar.

Neste sentido, pretendemos ao longo desta investigação sugerir etapas de ensino para o aperfeiçoamento dos aprendizes para que de fato tenham novas perspectivas e que essas possam se estender por outros campos da formação humana, pois “saber estabelecer relações entre o currículo formal e a realidade cotidiana é um dever de todos os educadores envolvidos com o processo de aprendizagem” (AROUCA, 2012, p.11), para que tenhamos uma educação de qualidade que possa transformar e edificar as realidades dos próprios aprendizes.

Portanto, é válido neste percurso formativo estimular a participação dos estudantes nas atividades escolares para que de fato entendam e faça sentido, como também, torná-los protagonistas durante a fase escolar para que sejam reconhecidas, identificadas e elogiadas as virtudes e as habilidades artísticas, ou seja, valorizar o espaço de sala de aula é otimizar vivências que vislumbrem a criação e o imaginário para auxiliarem na percepção estética ao longo da vida adulta e em outros ambientes sociais.

8. Ensaios poéticos e proposições artísticas no universo escolar.

O ato de ensinar arte na educação básica na cidade de Manaus exige de nós, enquanto professores de arte muita criatividade, pois, é evidente nas diversas turmas do ensino fundamental a existência de muitos desafios a serem superados, dentre eles, a falta de interesse no estudo, atrasos nas atividades ou trabalhos orientados para fazer em casa, falta de disciplina em sala de aula, entre outros, com isso, estes fatores, de uma certa forma, influem na sequência das aulas de artes que, em algumas vezes, o tempo de aula é totalmente reduzido por conta de uma palestra ou, até mesmo, uma reunião pedagógica.

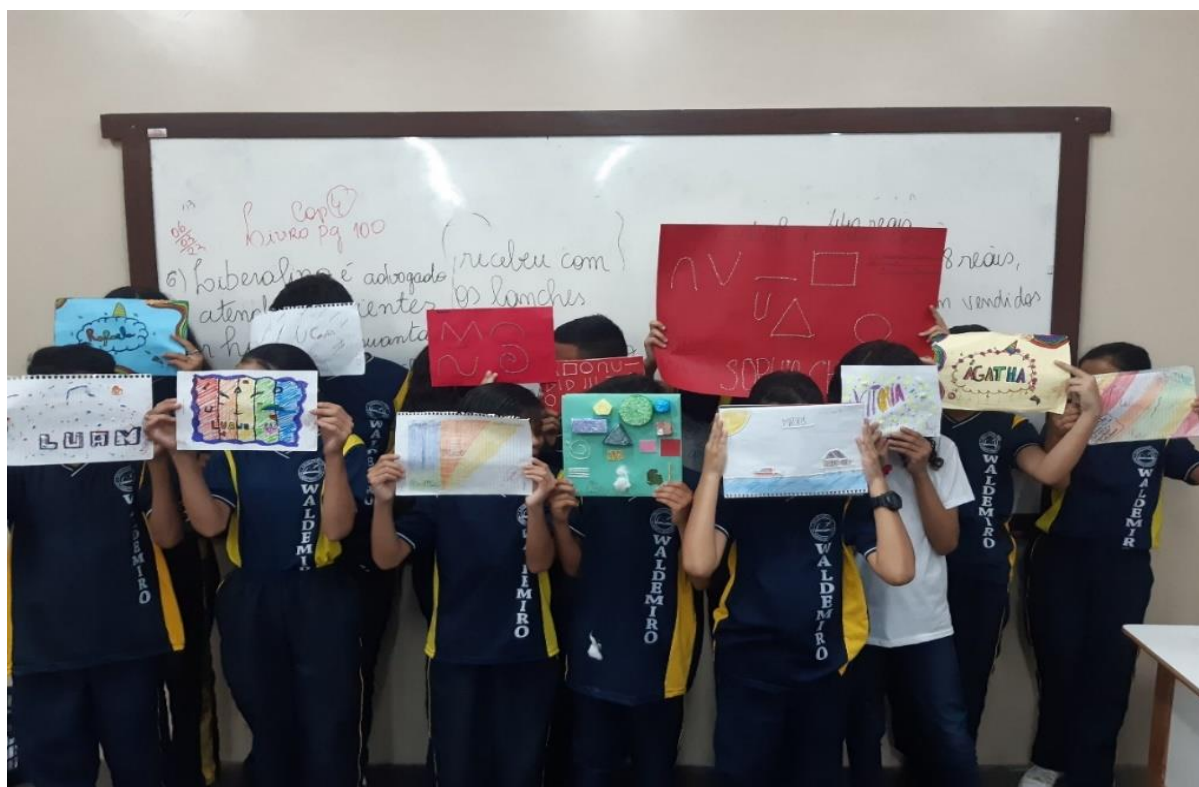
Para tanto, é preciso que tenhamos acima de tudo firmeza e sabedoria para encararmos muitas situações que são evidentes ora nas turmas ora na própria gestão escolar, portanto, é neste cenário que encontramos a aprendizagem de arte, que busca o tempo todo, e isso é um fator histórico, um lugar/status de respeito e de reconhecimento perante a comunidade escolar, então, como estimular os estudantes

a terem novas experiências? Como torná-los protagonistas? Qual estratégia para incentivá-los na criação poética?

Perceber na sala de aula um ambiente acolhedor é uma das ações mais prazerosas que a profissão-professor nos oferece, pois, ao analisar algumas imagens resultantes das atividades práticas desenvolvidas nas turmas, é voltar novamente para esta sala de aula, porém, não mais física e sim imagética, pois o tempo de aula já acabou, ficaram somente as lembranças-experiências.

Desse modo, entendemos que nesta perspectiva em que o “ensaio” pode caracterizar os elos entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade, e também, existente na pluralidade de experiências (LARROSA, 2004, p.31), para realizar momentos e contribuir de forma coletiva, ou seja, integrar e reunir a turma no intuito de compartilharmos algo de nós e, também, observar o modo como se expressam e apresentam suas propostas visuais (trabalhos de arte) e como conseguem fazer as conexões sobre as artes e o próprio modo de vida, assim, é preciso ensaiar, treinar e refletir para que seja aperfeiçoado as falas, as ideias e, conseqüentemente, o discurso artístico numa perspectiva construtiva que favoreça o conhecimento humano entre outros contextos sociais.

Figura 2: atividade prática na turma 6º ano 02 “falando de si”.



Fonte: arquivo pessoal, março de 2023.

Estimular a criatividade para os saberes artísticos, é válido destacar o grande potencial nas turmas, em destaque à turma de 6º ano 02, pois um dos objetivos da atividade era permitir com que cada estudante falasse de si e das artes respectivamente, ou seja, permitir o diálogo desde as séries iniciais, pois os tempos de aula já acabaram, mas as sensações ainda estão vivas e nos inspiram ao passar do tempo, pois essas experiências advindas de vários saberes é o que nos motiva para irmos além dos corredores da escola e nos dão fundamentos que são essenciais à nossa condição humana no âmbito da convivência social.

Seguimos nas trilhas das artes para adquirir novos conhecimentos para criar um ambiente de aprendizagem mais participativo, que estimule a criatividade e permita outras leituras reflexivas entre os estudantes, pois, além da própria apreciação visual, propusemos fazer com que todos os estudantes possam narrar sobre as próprias produções, no intuito de criar no tempo de aula um ambiente propício para a troca de ideias e na mediação comentários e conflitos.

Portanto, observar o modo pelo qual os estudantes usam para expressarem-se é algo muito interessante, pois cada aprendiz observa e cria uma narrativa visual que parte das escolhas das cores, dos tipos de formas e figuras, assim, estimular na rotina escolar a prática da criatividade é um caminho favorável para que todos possam desenvolver as habilidades e possam, a partir dessas criações, descrever o que produziu, relatar o que sentiu e o porquê do uso de determinados elementos compositivos, enfim, dar oportunidade para dividir entre os colegas da turma o próprio percurso através da ideia inicial.

Propor mediações na sala de aula é um caminho para que cada estudante possa falar naturalmente perante todos, explicando sobre o ponto inicial do processo criativo e qual significado fora atribuído no desenvolver das atividades de aplicação, ou seja, criar rodas de conversas sobre vários aspectos da arte através do entendimento juvenil é plausível, pois:

“[...] grande parte das associações liga-se à fala, nela submerge e com ela se funde, pois muito do que imaginamos é verbal, ou torna-se verbal, traduz-se em nosso consciente por meio de palavras. Pensamos através da fala silenciosa” (OSTROWER, 2014, p. 20).

É neste sentido que precisamos assegurar tempos e espaços que propicie o diálogo para que os estudantes reflitam sobre suas experiências e aprendizagens individuais e interpessoais, de modo a valorizarem o conhecimento, confiarem em sua capacidade de aprender, e identificarem e utilizarem estratégias mais eficientes a seu aprendizado. (BRASIL, 2018, p. 467).

Nessa perspectiva, ser um professor de arte na atualidade é tornar-se, ao mesmo tempo, um propositor de ideias em constantes fluxos, é estar junto com as turmas pensando e planejando novas estratégias na busca de mediar novas narrativas, pois cada momento na aula de arte se torna único e, neste jogo de saberes e fazeres, tudo será válido para atrair a atenção e ativar o olhar inquietador de muitos estudantes, mas também, prepará-los para serem capazes de observarem outras linguagens artísticas existentes no período histórico, como também, saber apreciar e identificar os códigos visuais na sociedade contemporânea, conforme Barbosa

Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria prima, torna possível a visualização de que somos, onde estamos e como sentimos, a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento, através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente desenvolver a capacidade crítica e permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 1998, p. 16).

Desse modo, observamos que existe no ambiente escolar uma nova geração que usufrui das redes sociais e destas, fazem um lugar afeito e de refúgio ou, até mesmo, de fuga do mundo real, pois é notório que muitos estudantes se sentem mais livres e abertos para outros diálogos no mundo virtual.

Com isso, alguns aprendizes apresentam comportamentos e posturas inapropriadas na própria sala de aula ou na hora das explicações dos conteúdos, pois muitos não conseguem ter um diálogo em “falar cara a cara” ou quando solicitada as tarefas e as atividades, recorrem aos sites para “copiarem as respostas prontas”, sendo este um fator rotineiro nas aulas semanais, ou seja, muitos estudantes só reproduzem o que conseguem ver diante das telas do celular ou do próprio computador, é notório que uma grande maioria não tem um discurso próprio, não tem uma opinião formada sobre aspectos/assuntos artísticos.

Para tanto, é interessante estimularmos a produção de cada estudante, para que o mesmo tenha autonomia e busque de maneira consciente de como realizar tal tarefa, pois vivemos em meio a vários tipos de imagens e, como tal, nos expressamos usando imagens significativas que nascem de nossas percepções e dos nossos sentimentos, pois o espaço escolar é um local apropriado para debater tais produções, desse modo, “a cultura vivida pelo aluno de hoje se caracteriza pela saturação de imagens, e a maioria das informações que ele recebe chega através delas” (ROSSI, 2003, p. 144).

Assim, temos presenciado no contexto social várias imagens que podem representar códigos diferente de outras culturas e/ou fazeres artísticos, pois é preciso alfabetizar na escola estudantes para que estes adquiram um outro olhar mais estético e sensível, desse modo, “alfabetismo significa a capacidade de expressar e compreender, e tanto a capacidade verbal quanto a visual pode ser apreendida por todos. E deve sê-lo” (DONDIS, 1991, p. 230).

Dessa maneira, a partir do primeiro bimestre de 2023, tivemos alguns ensaios para observar na prática como seria o retorno aplicando a PEDE em turmas diferentes, ou seja, para também analisar como seria o desdobramento mediante idades/séries diferentes, com o intuito em observar o próprio processo dialogal entre todos.

Contudo, com a escolha de um determinado conteúdo específico para que a turma pudesse experimentar determinada linguagem artística e com considerações nos tópicos iniciais de cada assunto através do referencial teórico contido no livro didático, pois muitos estudantes não têm condições de adquirir outros materiais de artes, e o livro foi uma forma plausível mediante as explicações através das leituras comentadas, ao mesmo tempo, fazendo conexões com a própria realidade.

Desse modo, criar novos diálogos e novas leituras visuais de uma produção artística, é permitir que a percepção visual e a sensibilidade crítica estejam entre pares, para que de fato, se tenha uma formação com qualidade e que permita olhares outros, de modo agradável frente às imagens contidas na sociedade contemporânea, com isso, e “quando se fala, recolhe-se desse acervo, de língua e de propostas possíveis, uma determinada parte que corresponde à experiência particular vivida. É o que se quer transmitir e, também, o que se pode transmitir” (OSTROWER, 2014, p. 21).

Dessa forma, transformar as aulas de arte em espaços de interação de ideias onde possibilite o surgimento de outras reflexões é uma forma de poder saber um pouco mais da diversidade estudantil existente na própria turma, portanto, colocando em prática o autoconhecimento, a valorização do outro e da outra, dialogando sobre as percepções do próprio contexto social em que somos inseridos, pois, tudo é salutar ao desenvolvimento crítico dos aprendizes durante a permanência na etapa escolar.

Propomos desenvolver um roteiro com atividades destinadas aos estudantes para que tenham condições de fazer comentários significativos relativos às produções conforme cada conteúdo ministrado, no intuito deles terem, além do contato com elementos das linguagens artísticas, como também, de termos na sala de aula um momento propício para explicações através da troca de experiências, tendo na criação visual a manipulação das formas e o uso das cores para representar a própria subjetividade, pois cada estudante tem um modo singular para criar, tem um jeito próprio para colorir e desenhar, estimulando assim, as habilidades em um aprender fazendo.

Figura 3: atividade prática “mapa mental”, na turma do 8º ano 3



Fonte: arquivo pessoal, abril de 2023.

Como sabemos, os adolescentes têm modos e comportamentos diferentes, muitos evitam até o contato com o outro, mas, direcioná-los para outras posturas e/ou

atitudes é, de uma certa forma, construir momentos que propiciem o entrosamento em que eles mesmos possam trocar experiências, pois cada um tem um modo de analisar as coisas e os fatos que ocorrem na sociedade em que vivemos.

Propor estratégias de leituras e dos textos não verbais, são fatores que podem contribuir na ampliação de como as artes podem ser percebidas e identificadas no cotidiano social e permitir que os aprendizes possam através das atividades práticas entenderem o processo ou os modos de criação que os artistas atribuem na realização da obra de arte.

Deste modo, preparar a classe estudantil é atuar de forma dinâmica durante o processo educacional, fazendo com que a turma tenha outros desdobramentos para analisar de forma artística aspectos de temas sociais, para que sejam capazes de atribuir outros significados artísticos e para refletir através das linguagens artísticas o modo de ser e de conviver socialmente.

Incentivar a participação dos estudantes no momento de diálogos é uma estratégia para que adquiram autonomia de modo particular e de como explicar a própria criação, inserindo-os em novas experiências, para que cada um tenha um momento de explicar e, até mesmo, de responder algum tipo de pergunta na turma.

Portanto, desenvolver momentos de partilha do conhecimento são etapas riquíssimas para sabermos um pouco das subjetividades existentes no contexto escolar, pois em cada canto da escola tem um perfil diferente de sujeitos que pensam, brincam e interagem em todos os sentidos, assim:

Privilegiar a escola, como objeto de estudo e reflexão, significa assumi-la como instância erigida pela sociedade para a educação e instrução das novas gerações. Isso não significa que outras instâncias educacionais, tais como família, comunidade, grupo social, etc, não tenham um papel significativo (LUCKESI, 1994, p. 77).

Para tal, é preciso que tenhamos espaços para entender o outro, perceber suas potencialidades e habilidades, para que possamos ter novos espaços em que possam ser observados as individualidades e que tenha uma aprendizagem favorável e significativa.

Entende-se que na escola, em destaque ao professor, enquanto mediador social, que busca formar pessoas para atuarem de forma dinâmica na sociedade, no fortalecimento das personalidades e na busca diária para termos bons cidadãos e que

estes tenham a sabedoria no intuito em transformar outras realidades, sem distinção de classe social, portanto,

Ao professor cabe convidar o estudante a repensar, refazer, refletir, retomar sua produção e repertório e abrir as possibilidades do diálogo a partir de outros referenciais e leituras. [...] Inventariar e conhecer o repertório dos estudantes é bem diferente de fazer o que “gostam e querem”. Repetir em sala de aula exatamente o que os estudantes podem fruir e conhecer fora dela é útil e inócuo – ainda que seja prática comum a muitos professores: isso não é diálogo. É preciso ir além do sarau de repetições, clones e clichês. É preciso trabalhar a arte como área de conhecimento, relacionando aquilo que os estudantes trazem e/ou consomem com outros autores e trabalhos, com o conhecimento e experimentação da linguagem da arte. Conversar com a arte que os estudantes trazem é estabelecer diálogos entre o repertório do professor e dos estudantes, o conhecimento universal e o conhecimento local. Estabelecem-se com isso redes de significações para que o próprio repertório dos estudantes possa ser relido (por eles mesmos) e para que também se apropriem significativamente de outros repertórios e possibilidades de arte. (MARQUES; BRAZIL, 2014, p. 122-124).

Nesta perspectiva que estão inseridos o professor e os estudantes que consideramos o ato de uma educação de qualidade, em que sejam estabelecidos durante a formação escolar a prática dos discursos sociais, para que ocorra de fato o respeito e a compreensão entre a diversidade cultural e artística, como também, valorizado o componente de arte como área do conhecimento humano e também como instrumento social durante a fase da escolarização.

Estimamos que a partir das proposições da pedagogia do discurso estético os estudantes possam ampliar o próprio conhecimento para serem capazes em ressignificar elementos pertencentes na cultura em qual estão inseridos, para que possam criar e recriar reflexões pertinentes ao contexto contemporâneo, ao ensaiar-se enquanto indivíduo da sociedade, pois, “o ensaio surge quando se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente” (LARROSA, 2004, p.33), para o surgimento de novas poéticas visuais ao embalo das próprias experiências no convívio escolar.

Ao longo dessa discussão, visamos que a partir das aulas semanais os estudantes possam tecer leituras relevantes ao processo da própria formação, do mesmo modo, ter a sensibilidade e a criticidade como dimensões favoráveis para além dos conteúdos propostos no currículo escolar amazonense.

Portanto, pretendemos que sejam aprendizes nas vias da cultura de forma autêntica estimulando a pesquisa e a criatividade no percurso da própria formação curricular, pois, muitos estudantes trazem evidências de que só “pularam de ano”, muitos desconhecem ou não tiveram oportunidades para explorar as dimensões do conhecimento artístico.

Princípios como este nos otimizam a refletirmos sobre como estimular a classe juvenil nos anos finais do ensino fundamental, haja vista que muitos estudantes não conseguem relacionar as linguagens ou, até mesmo a arte de modo geral, com o próprio contexto em que estão inseridos, portanto, criar pontes para incentivar a criatividade no desenvolvimento do próprio discurso é um meio pelo qual pensamos que seja eficiente para “diminuir as fronteiras do ensino de arte”, para que, o próprio estudante tenha a clareza para se perceber no mundo, perceber as outras formas de expressão e também, perceber o componente Arte como elemento formador indispensável na completude humana e estudantil, independente de contextos históricos, posições sociais ou das diversas dimensões religiosas.

9. Para além da sala de aula!

Quem não reflete, repete!
(Provérbio Chinês)

Propor uma educação de qualidade num amplo aspecto social é poder ter a oportunidade em reestruturar o espaço de sala de aula, pois existem estudantes de vários contextos sociais dividindo o mesmo espaço físico diariamente e estes necessitam de estratégias de ensino para serem capazes de realizarem outras interpretações das obras de artes, do próprio processo de criação de determinado artista, como também, na apropriação acerca de reflexões a partir das leituras de vida, do mundo e da cultura que os circundam, para que possam identificar os elementos específicos que se entrelaçam na tradição, nos costumes e nas manifestações culturais pertencentes a identidade cultural de Manaus.

Portanto, atuar na educação básica é ter uma perspectiva positiva para formarmos “leitores visuais, leitores de histórias, leitores de trajetórias”, pois no mundo contemporâneo, existem inúmeras imagens que representam códigos visuais e culturais, e estas, possuem vários significados, desse modo, é necessário durante a

permanência na etapa escolar que os estudantes possam ter momentos propícios para o deleite e a prática em determinadas linguagens artísticas, que tenham vivências artísticas, para que a partir de tais etapas, estejam preparados para falar, entender e explicar algo referente a algum aspecto da arte, ou também, saber entender uma determinada intervenção artística e seus possíveis significados.

Dessa forma, estimular os estudantes num processo contínuo, colocando-os como protagonistas envolvendo o próprio fazer artístico em sala de aula é uma alternativa de torná-los capazes de criarem outros meios para se expressarem, seja de forma verbal ou não verbal, estimulando-os através da percepção visual e de como observam as coisas, os lugares e os acontecimentos que se encontram desde os antepassados presentes na arquitetura, nos monumentos e nas manifestações que comportam a cultura local.

Com efeito, compreendemos que é na escola, enquanto instituição social, que devemos criar pontes do saber para atrair a curiosidade da classe estudantil, como meio também através das aulas de artes, no intuito em que possamos formar estudantes com embasamento teórico contendo um olhar mais sensível e poético para poder perceber a arte do nosso tempo, da nossa gente e feita com várias formas/elementos característicos da nossa expressividade amazonense.

Assim, ensaiar leituras com os discentes é ter uma certeza que algo ficará guardado ou adquirido entre os mesmos, como também, organizar reflexões coletivas embasadas a partir do próprio olhar e da própria vivência serão fatores propícios na organização das ideias e dos modos de criação visual de cada estudante.

Figura 4: atividade prática com desenhos de si na turma do 9º ano 1.



Fonte: o próprio autor.

Trazer reflexões e debates para o contexto da sala de aula é uma forma de poder entender os modos pelo qual os aprendizes se comportam e se relacionam, haja vista que alguns estudantes apresentam um déficit de aprendizagem, e até mesmo, indisciplina entre os colegas, fatores observados durante os intervalos ou nos momentos de participação coletiva, pois alguns não respeitam o lugar de fala do outro.

Isso posto, notamos que, o ato de educar é uma das mais gratificantes dimensões que podemos ter para oferecer aos estudantes do ensino fundamental, pois é nesta fase da vida que passamos por muitas transformações, sejam essas no âmbito familiar, psicológico e é claro, no convívio social.

Da mesma forma, faz-se necessário ter durante o processo de aprendizagem momentos em que sejam verdadeiramente interessantes para os alunos, pois, caso contrário, as aulas de arte serão mais um “tempo de aula”, ou seja, infrutíferas e sem prestígio por uma boa parte da turma.

Vale ressaltar que estamos vivendo em um período que são produzidos vários estilos de arte e, com isso, temos em circulação muitas imagens que estão recheadas de significados de diferentes contextos, sendo estes no mundo físico ou nas redes sociais, portanto, cabe a nós professores de arte, auxiliar os estudantes para que esses tenham condições intelectuais para extrair, e até mesmo veicular cada imagem.

Deste modo, cada imagem tem uma finalidade, tem uma função específica e um conceito atribuído conforme as fontes originárias, assim, “de nada adianta voltar

aos olhos para a cidade, para o cotidiano multifacetado, se os olhos não enxergam, se o poder de percepção não estabelece conexões, se os ouvidos não ouvem, se a mente não seleciona e organiza” (AROUCA, 2009, p. 9).

A partir disto, estimular na rotina escolar o ato de leitura de imagens, entendemos que é um recurso de grande importância para o saber artístico e para a compreensão de outros elementos constituintes inseridos na percepção visual, ou seja, na maioria das vezes usamos em nosso cotidiano a visão para perceber os detalhes para depois fazermos nossas indagações de forma a contemplar o juízo de gosto e também a nossa opinião.

Então, diante desses questionamentos entendemos a necessidade para oferecer aos estudantes várias experiências, como também, incentivá-los a buscarem respostas a partir das próprias inquietações, portanto, “numa sociedade predominante imagética, a importância do desenvolvimento de diferentes estratégias para aquisição de códigos que possibilitem leituras visuais é vital” (AROUCA, 2009, p.16), desse mesmo modo, incentivar a leitura de textos não verbais, é ter a certeza de que muitos terão um modo singular e poético para interpretar outros textos-visuais na escola, no entorno onde moram e nas linguagens artísticas contemporânea.

Assim, incentivar os estudantes na prática da oratória perante a turma é um fator que pode contribuir para que os próprios alunos se destaquem, pois, ao falar de si próprio, seja de forma verbal ou não-verbal, é um meio para atrair a atenção e a concentração, visto que, cada imagem e a criação dos desenhos são representativos e expressam muito sobre a personalidade e o próprio jeito de ser, conforme cada individualidade, desse modo, “é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação”. (ORLANDI,1996, p.12).

Por outro lado, dividir espaço para todos através de atividades sugeridas como complemento na formação dos aprendizes é um caminho favorável para o enriquecimento de experiências, pois percebemos que todos apresentam características e expectativas de vida diferentes; pois, tornando-os protagonistas em público é um momento importante para também observá-los enquanto realizam seus discursos, ou seja, é uma alternativa para podermos entendê-los conforme suas subjetividades e como exploram os elementos da criação visual.

Figura 5: “autoconhecimento”, 9º ano 01



Fonte: o próprio autor.

Nesse processo de ensino e de muita aprendizagem para ambos os sujeitos (professor e alunos), estimamos que, através das experiências artísticas os estudantes possam ter uma nova postura crítica e reflexiva direcionada não somente para as linguagens artísticas, como também, ter um posicionamento mais assertivo perante os outros, para que, a partir disto sejam vistos com mais respeito e autonomia independente do contexto em que estejam inseridos.

Portanto, estimamos que a partir dos “ensaios poéticos dos estudantes” no ambiente escolar é uma forma de percebermos o quanto os aprendizes podem ser melhorados, não somente ao campo artístico, como também, nas relações interpessoais, familiares, afetivas e sociais, pois, ao utilizar as cores, as formas e texturas na elaboração das atividades propostas percebemos o quanto a turma tem um grande potencial e, ao mesmo tempo, o quanto precisam entender o próprio percurso criativo, assim, cada elemento compositivo se torna algo que representa diretamente o próprio pensar e o fazer de cada estudante, pois,

A observação de uma obra de arte jamais é passiva. Ao interagir com ela, desencadeia-se um processo mental em que pode ocorrer associações com imagens e ideias que já possuímos ou sermos tomados pela surpresa, sendo obrigados a reorganizar nosso conhecimento, nossas lembranças e experiências dos assuntos mais variados. (MAZZAMATI, 2012, p. 148).

Assim, partimos para outras reflexões que possam dar embasamento teórico e prático para que os estudantes tenham através das próprias criações visuais, um aprimoramento biopsicossocial para que, tenhamos um ambiente escolar mais qualificado, técnico e preparado para agir em outros contextos que envolvem a comunicação e a própria produção artística.

Embora existam inúmeras situações que nos fazem questionar como ensinar e o que usar para estimular a criação, pensamos que o lugar/espço para novos debates é no ambiente da sala de aula, pois, aprendemos com os nossos pares, assim também, numa perspectiva envolvendo o modo particular de cada estudante, pois a escola é um meio social para termos mudanças significativas de forma geral, deste modo, “colocar a escola como local de aprendizagem da profissão professor significa entender que é na escola que o professor desenvolve os conhecimentos e as competências do ensinar [...] (LIBÂNEO, 2017, p. 35).

Portanto, criar novos percursos que propiciem novos saberes artísticos aos estudantes é uma atitude positiva frente às novas gerações que se inserem no contexto escolar, para que percebam a grande importância que a arte tem nos estudos e na vida social e, a partir disto, usar de sabedoria para o bem coletivo daqueles ou daquelas que convivem diariamente.

Em suma, este processo investigativo aqui proposto nos impulsionou para que tenhamos novos meios para mediar novas reflexões com o entrelaçar das artes, dos sujeitos aluno e professor, para que tenhamos um novo horizonte educacional pautado nas experiências do contexto escolar da cidade de Manaus, para criar e recriar novas narrativas visuais através do discurso dos estudantes dentro das trilhas artísticas que o mundo contemporâneo nos instiga e nos oferece.

10. Nossa proposta pedagógica e nossa metodologia!

Desenvolver uma metodologia que possa servir de suporte ao aprendizado artístico dos estudantes tem-se firmado como algo muito inquietador, pois, a cada ciclo do ano letivo e também na sociedade, surgem novas formas de artes que estão diretamente relacionadas ao modo de viver e de pensar conforme seus criadores/ artistas, deste modo, lapidar o olhar juvenil frente às linguagens da arte é estar ativamente buscando estratégias para o desempenho favorável na formação integral durante a fase escolar.

Assim, propomos a partir da Abordagem Triangular de Ensino criar um percurso próprio para mediar novas experiências ao rico universo escolar, para que os envolvidos possam ter uma postura mais autêntica e que sejam capazes de recriar novos diálogos para além da escola, pois, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2017, p.108), para que sejam protagonistas e transformadores sociais por onde atuarem e, principalmente, compreender os códigos e as narrativas visuais existentes na comunidade, no bairro e na cidade de Manaus.

Com isso, elegemos em nossa investigação a pedagogia do discurso estético ou PEDE como meio artístico nas aulas de artes, visando melhorar a participação dos estudantes, como também, permitir o entrosamento e o autoconhecimento, ou seja, “parar para olhar e conversar sobre o que se olha é, portanto, um exercício e um hábito a ser adquirido, e o melhor lugar, sem dúvida, é a sala de aula” (MAZZAMATI, 2012, p. 144), portanto, estimamos um percurso que possa dar experiências significativas ao desenvolvimento cognitivo e social de cada estudante durante a permanência na educação básica.

Neste sentido, durante o processo experimental da PEDE criamos um percurso educativo que pudesse tornar favorável a capacidade criadora dos estudantes sobre as dimensões que a arte exerce na vida, em contextos sociais diferentes, na história da humanidade e como ela pode ser representada de uma forma geral, como também, através das linguagens artísticas que estão presentes no município de Manaus, em destaque os grafites, pinturas, esculturas e/ou monumentos históricos, para que, a partir dessas dimensões os estudantes pudessem ter autonomia e participação ativa na sociedade em que estão inseridos.

Para tanto, aprimoramos nosso pensamento entrelaçando os eixos que surgem da Abordagem Triangular que concentram em sua origem a leitura, produção e contextualização, portanto, nos apropriamos durante nossa investigação científica para mediar novas experiências para dar suporte ao que elegemos como “PEDE”, sendo que, distribuímos da seguinte forma:

Abordagem triangular	Sujeito-estudante
1. Eixo-leitura	1. Abordamos nos estudantes a dimensão do próprio “ pensar ”, para ler a si próprio, estimulando o autoconhecimento, para que cada um identificasse sua personalidade e as habilidades, para ter um posicionamento mais ativo nas aulas de arte.
2. Eixo-produção	2. Abordamos nos estudantes a dimensão do “ fazer ” em prol da própria criatividade, para que possam atribuir valores e significados conforme a personalidade criadora.
3. Eixo-contextualização	3. Abordamos nos estudantes a dimensão do “ falar ” para que todos, a partir das próprias criações, tenham um posicionamento reflexivo e estético, que possam saber dialogar sobre si, sobre o outro e sobre a arte que o circunda.

Portanto, analisamos que durante este processo investigativo tivemos outro sujeito que, de uma certa forma, esteve presente no desenvolver deste pensamento, conforme Nóvoa (1992, p. 7), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”, assim, pesquisar meios para otimizar um espaço agradável aos saberes artísticos é uma alternativa relevante para que os estudantes tenham a capacidade para se organizarem, não somente no próprio fazer artístico, como também, de terem um momento que seja propício para fruir reflexões acerca de determinada linguagem artística e também, analisar o processo pelo qual o artista escolheu para criar uma obra de arte.

Desse modo, ser um professor de arte e estar inserido no processo educacional junto com os estudantes é um percurso promissor, pois, a sala de aula é um campo frondoso de experimentações, principalmente quando é compartilhado com o modo particular de pensar, falar e fazer dos estudantes, assim, em nossa investigação o “sujeito-professor” é uma ponte do saber para mediar relações que sirvam no atravessamento das relações interpessoais, assim como, propiciar o relacionamento intrapessoal, conforme a subjetividade de ambos os sujeitos.

Dessa maneira, relacionamos as dimensões que norteiam nossa linha de raciocínio conforme os eixos que surgem da abordagem triangular como pressuposto

organizacional para realizarmos reflexões sobre o processo da aprendizagem em artes para estabelecer um paralelo no percurso criativo do sujeito-professor, para que, tenhamos novas perspectivas relacionadas ao fazer docente frente as subjetividades existente na sala de aula, assim, organizar o pensamento junto à prática escolar são fatores que podem auxiliar na valorização do componente Arte, como também, enriquecer experiências estéticas conforme o currículo escolar, numa perspectiva dinâmica que estabeleça a reflexão e autonomia artística, com isso, especificamos nosso posicionamento conforme o quadro abaixo:

Abordagem triangular	Sujeito-professor
1. Eixo-leitura	1. Abordamos a dimensão do “ ser ”, como meio para ampliar o modo de leituras de si e leituras do mundo, para otimizar novos olhares/experimentações nas aulas de arte.
2. Eixo-produção	2. Abordamos durante as aulas de arte a dimensão do “ experimental ” de modo que pudéssemos criar estratégias para ter o retorno e a participação dos estudantes, não somente nas atividades exigidas, mas também, construindo uma relação dialética entre os interlocutores.
3. Eixo-contextualização	3. Abordamos a dimensão do “ contextualizar ” como forma de instigar um posicionamento reflexivo e estético, dialogando instâncias sobre si, sobre o outro e sobre a cultura visual em Manaus.

Nesta perspectiva, criar um percurso para almejar experiências no contexto escolar incentivando a participação dos estudantes para que estes estejam aptos a relacionarem e a perceberem a cultura no próprio cotidiano e possam identificar os elementos constituintes que estão inseridos em uma obra de arte ou em determinada linguagem artística, para que a partir disto, sejam capazes em elaborar uma maneira singular para expressar-se de forma autêntica e poética, ou seja, mediar no contexto da sala de aula giro de conversas e debates partindo das leituras da produção textual é um percurso interessante para o aprimoramento do entendimento e do sentido da arte que envolvem os estudantes, num circuito que permita a cada um perceber as

linguagens da arte no entorno da escola e também em determinados lugares específicos na cidade de Manaus.

Para tanto, instigar o olhar e a curiosidade dos estudantes na escola nos permite abordar muitos aspectos que fazem parte do contexto artístico manauara que trará benefícios durante o processo de ensino, no intuito de perceberem e saberem identificar traços do artista, da cultura local e percepção de mundo, assim, através dessas vivências, todos terão oportunidade para se aprofundarem nas narrativas visuais existente na cidade, pois cada estudante percebe o mundo e os lugares de forma diferente e, a partir disso, interage de forma ativa e/ou reflexiva.

10.1- Roteiro da proposta “PEDE” nas aulas de Arte.

Ao elaborarmos nossa investigação pensamos em poder, de alguma forma, contribuir na formação integral dos estudantes para que durante o processo da aprendizagem os aprendizes possam ter um novo olhar relacionado à cultura, e até mesmo, da arte de um modo geral, para também criar um ambiente favorável ao enriquecimento intelectual e, a partir disto, cada integrante da sala de aula tenha tido oportunidade no aprimoramento das linguagens artísticas existentes que surgem na sociedade manauara, ou seja, propusemos um roteiro para suscitar experiências relevantes ao aprender através do universo plural das artes.

Nesta perspectiva, criamos um percurso interativo na própria sala de aula, pois, entendemos que é no “chão da sala de aula” que podemos mudar os rótulos, para mediar novas posturas e novos modos de expressar/dizer acerca das dimensões que envolvem o conhecimento artístico, no sentido de apresentar aos aprendizes caminhos favoráveis para enriquecer o intelecto e o protagonismo estudantil no próprio cotidiano escolar, desse modo, elaboramos as aulas conforme abaixo:

1ª aula - Abordagem através de organograma sobre arte em Manaus.
2ª aula - Produção textual abordando a cultura e outros aspectos.
3ª aula - Leitura e discussão a partir das respostas com os estudantes.
4ª aula - Vídeo-aula abordando o grafite em Manaus.
5ª aula - Atividade conhecimento: desenhos de si e a Arte.
6ª aula - Produção de mapas/cartazes de cunho artístico.

7ª aula - Produção de mapas/cartazes de cunho artístico.
8ª aula - Apresentação na sala de aula dos trabalhos.
9ª aula - Apresentação na sala de aula dos trabalhos.
10ª aula - Apresentação na sala de aula dos trabalhos

Desse modo, durante a realização das aulas 1ª, 2ª e 3ª nosso foco foi apresentar aos alunos várias formas de arte para que todos tivessem uma definição própria partindo do próprio gosto e olhar, para que pudessem ter um contato inicial a partir dos pressupostos que tornam a arte presente em nosso cotidiano, sendo que, durante as abordagens foram realizadas perguntas aos estudantes tais como: como você identifica a arte? Você gosta de arte? O que são linguagens? O que você entende por linguagem visual? Diga um elemento da cultura de Manaus?

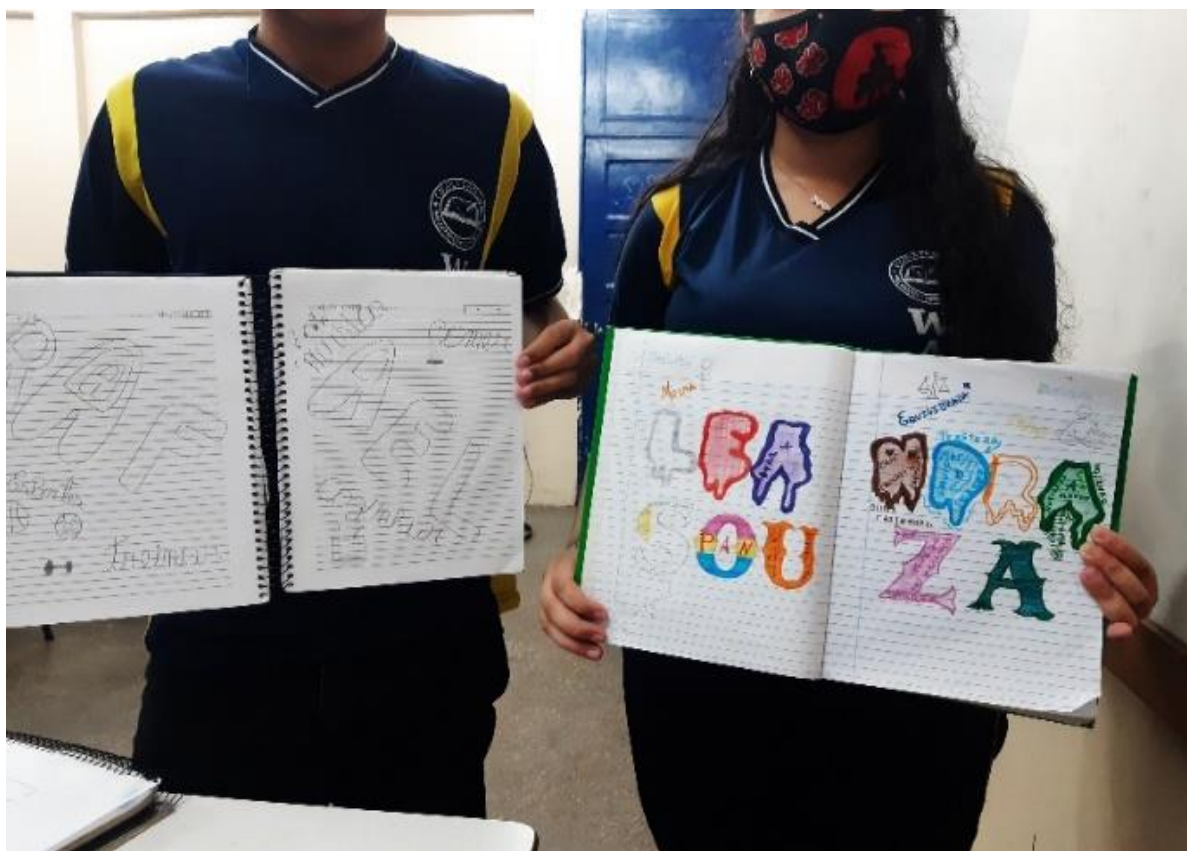
Neste modo, um dos fatores relevantes para a produção textual foi apresentar as respostas durante as aulas, para que cada um relacionasse uns com os outros as possibilidades de respostas, para que a partir das leituras tivéssemos uma roda de conversa, pois, era notório a participação durante a explicação das respostas, fator este que foi diferenciador no processo de aprendizagem, pois muitos tinham dificuldades de expor o pensamento, a ideia e, até mesmo tinham vergonha, ficavam acanhados frente aos outros, a estratégia pensada para o exercício foi de deixá-los a vontade, para falarem abertamente na turma, do seu modo, ou seja, permitir com que os estudantes fossem aos poucos mudando o próprio modo de pensar e de interagir durante as aulas.

Neste sentido, mediar experiências e/ou momentos propícios à prática da leitura é um fator relevante durante o processo de ensino, pois, muitos estudantes têm dificuldades para expor as opiniões e notava-se que alguns ficavam tímidos, então, incentivá-los gradativamente no aprimoramento de leitura textual e numa perspectiva de leituras de si, foi uma estratégia valorosa que se firmou durante o processo investigativo, pois, muitos passaram a ter confiança e firmeza quando lhes eram questionados.

Por outro aspecto, incentivar aos estudantes a lerem em voz alta, explicando os detalhes e, ao mesmo tempo falando de si, foram estratégias assertivas, pois muitos não tinham e não davam importância ao hábito da leitura em casa ou na própria escola, assim, partimos do pressuposto e entendemos que um indivíduo que exerça

uma boa leitura e saiba interpretar aquilo que está ao seu redor, estimasse que o mesmo terá um bom desempenho frente outros contextos sociais e que se desdobrará durante a etapa escolar e na vida para além dos domínios cognitivos, artísticos e culturais existentes na sociedade contemporânea, pois “a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento”. (BARBOSA, 1998, p. 16).

Figura 6: estudantes do 9º1 abordando a atividade de criação.



Fonte: o próprio autor.

10.2 - Analisando das atividades realizadas.

Propor experiência significativa aos estudantes é um caminho que nos possibilita vários desdobramentos, neste sentido, em nossa investigação inicial tínhamos escolhido escolher o conteúdo abordando o conteúdo do “grafite”, pois é notório que essa linguagem está evidente em grande construções arquitetônicas de Manaus e, por isso, estão recheadas de simbolismos e críticas conforme a composição visual de cada artista criador, ou seja, muitos retratam nas paredes,

viadutos, prédios, entre outros, a cultura e a tradição de nossos antepassados e, ao mesmo tempo, fazem conexões com a sociedade contemporânea.

Neste sentido, como forma de apresentar aos estudantes os estilos artísticos existentes nas vias urbanas, para que, a partir de tais investigações, sejam incentivadores da cultura local e tenham noções gerais da conservação histórica que está presente na identidade cultural manauara.

Deste modo, propomos durante a nossa investigação, além de aprimorar o conhecimento da Arte enquanto área do conhecimento humano, elaboramos uma trajetória que pudesse dar sentido para atrair a atenção e, por conseguinte, valorizar os conteúdos que correspondem ao próprio currículo escolar amazonense, ou seja, muitos estudantes da rede básica de ensino não valorizam a própria cultura em que estão inseridos, muitas das vezes, isso ocorre pelo fato dos mesmos não saberem identificar e nem relacionar/ler os aspectos que estão agregados em uma obra de arte ou, até mesmo, na cultura local.

Portanto elegemos tais habilidades e competências que se entrelaçam no ensino de artes e estão classificadas conforme um código alfanumérico (EF01AR01) equivalente, assim especificamos:

- EF (este primeiro par de letras indica a etapa de Ensino Fundamental);
- 01 (este primeiro par de algarismos indica que as habilidades descritas podem ser desenvolvidas em qualquer série do ensino fundamental);
- AR (esta segunda sequência de letras indica o componente curricular Arte);
- 01 (posição da habilidade na numeração sequencial);

Portanto, realizamos nossa proposição artística a partir das habilidades e competências conforme os códigos abaixo relacionados:

• EF69AR05: experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.);

• EF69AR07: dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

Na sintonia de propor um espaço visando a prática das habilidades EF69AR05 e EF69AR07, criamos no decorrer das aulas de arte momentos específicos para a fruição e criação visual para aguçar o intelecto, como também, permitir aos estudantes caminhos que fossem mediados para uma experiência estética, num contexto entrelaçando o próprio fazer artístico juvenil para que, a partir disto, tivéssemos um momento específico para a reflexão, leitura e análise discursiva, ou seja, essas etapas foram pensadas para somar no desenvolver das atividades.

Como tal, realizamos este percurso para otimizar experiências significativas sobre leitura estética e textual como percurso para o entendimento das linguagens artísticas que se firmam em locais estratégicos de Manaus, tais como: viadutos, prédios históricos, palacetes, casarões, muros, entre outros, portanto, nossa intenção inicial foi provocar na turma a dimensão do fazer para refletir, para que, assim como fora realizado no espaço da sala de aula, os estudantes possam também usufruir das propostas visuais que artistas locais utilizam como meios poéticos para representarem aspectos que foram e estão diretamente enraizados na formação cultural da sociedade manauara.

Figura 7: estudante “R” apresentando a atividade.



“Eu fiz assim professor, pensei em coisas que eu gosto, aqui está um pouco da minha mente, eu me sinto bem fazendo isso, o senhor gostou?”

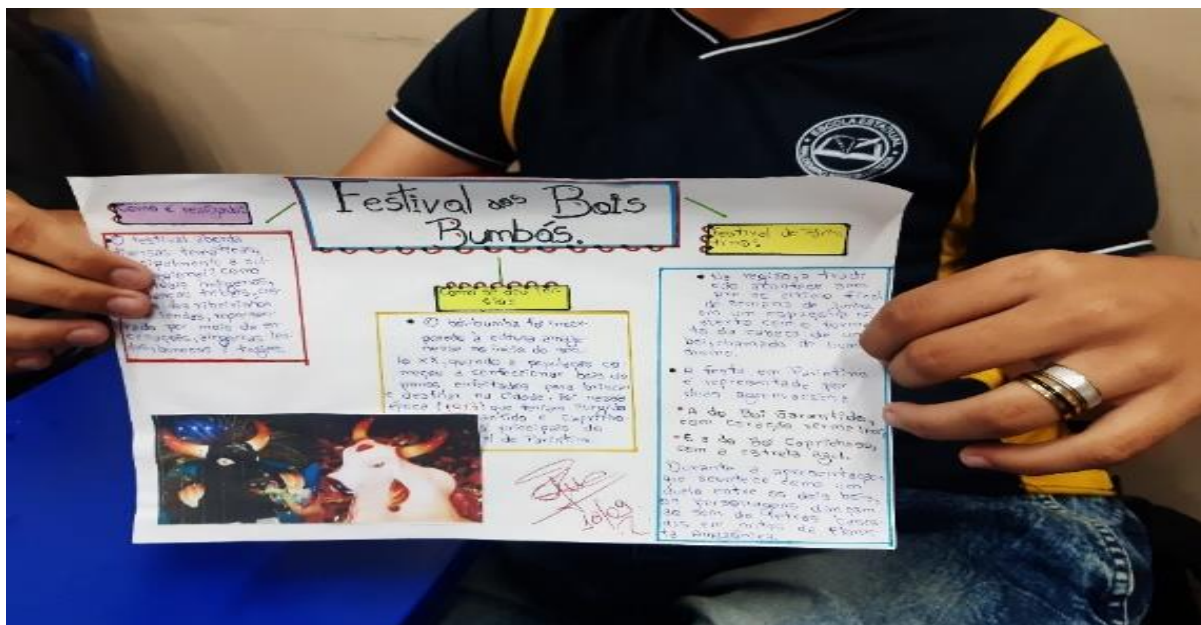
Aluno “R”, turma 9º 1

Fonte: o próprio autor.

Partimos para a prática do saber na turma convidando os estudantes para apresentarem o resultado da pesquisa sobre algum aspecto relevante da cultura de Manaus, para que a partir das considerações dos estudantes pudéssemos ter uma análise mais ampla, criando uma roda de conversas acerca de cada apresentação, socializando de forma clara e direta o modo pelo qual cada um escolheu tal assunto, visto que, a priori tínhamos em mente que realizássemos apenas usando a linguagem

do grafite, porém, nossa investigação possibilitou outras interpretações por parte dos estudantes, como tal, nossa pesquisa se transformou em um “corpo visual”, com várias formas abordando tema central, ou seja, foi notório e interessante que cada um expôs conforme o gosto próprio.

Figura 8: estudante “J” explicando a atividade através do mapa mental.



Fonte: o próprio autor.

Assim, criamos esses momentos de partilhas para mediar novas experiências e tecer reflexões e práticas diferenciadas ao aprendizado em artes, como itinerários que perpassem a leitura verbal e não-verbal como condicionantes formativos no contexto escolar, com o propósito de que os estudantes tenham apreciação, leitura e produção conforme cada linguagem artística do contexto urbano, no intuito de reconhecerem o pertencimento cultural enquanto característica constituinte da pluralidade artística da sociedade amazonense.

Figura 9: Estudantes do 9º 01 explicando para a turma.



Fonte: o próprio autor.

Portanto, corroborar ações que nos impulsionam para novos olhares é sem dúvidas algo fabuloso na profissão-professor, pois aprendemos continuamente com nossos estudantes, assim, é um percurso de mão dupla cujo ambos os sentidos são essenciais em nossa caminhada do saber, portanto, usar meios embalados ao ritmo da arte é estar aprendendo aos pares na sala de aula, pois percebemos o quão rico é o universo estudantil.

Para tanto, tivemos durante a apresentação de alguns estudantes momentos de reflexão, pois também fora observado o modo pelo qual organizavam as ideias, visto que, nossa proposição foi fazer com eles tivessem autonomia no que se refere a uma composição de cores, formas e estilos, assim, tivemos a produção do mapa mental como recurso didático para organizar as características principais, destacar os elementos compositivos e especificar um pouco do contexto daquilo que foi selecionado, fato interessante que todos construíram as narrativas partindo do próprio gosto artístico, para que pudesse explicar com certa facilidade e empenho.

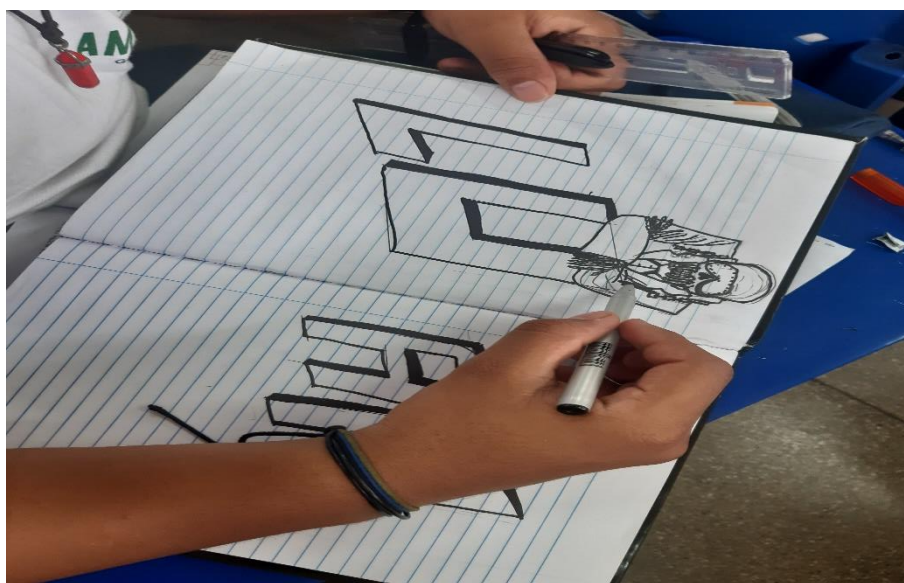
Outrossim, incentivar a turma com análises críticas é um meio para prepará-los para o debate de outros assuntos que possam surgir na escola e/ou nos ambientes sociais diversos por onde frequentarem, dando-lhes espaço de interação e inclusão.

Embora tenhamos todo o esforço para garantir um bom êxito no desempenho das aulas semanais, observa-se constantemente um certa timidez entre os estudantes, um certo receio em falar de si próprio, isso era um fator perceptível quando estávamos partilhando as ideias e os resultados das tarefas/atividades solicitadas.

Assim, no processo da pesquisa, tivemos uma certa resistência por parte de alguns estudantes em não quererem apresentar para todos da sala, porém, quando observavam os outros colegas, espontaneamente, já se sentiram menos tímidos e mais confiantes, assim, as abordagens e as interpretações foram se desenvolvendo naturalmente, sendo que, alguns criaram conforme fora orientado, pois, tivemos belas composições visuais e, conseqüentemente, todos foram envolvidos pelo modo poético durante o debate coletivo.

Portanto, acolher na sala de aula estudantes oriundos de inúmeros contextos sociais a partir da própria vivência é um fator relevante para que possamos incentivá-los e orientarmos a terem um mundo melhor, tanto para si como para o outro, deste modo, semear o discurso poético é uma alternativa valorosa durante a fase escolar, como fatores que incentivam um olhar mais humanizado, criativo e estético.

Figura 10: estudante “L” do 9º 1 criando na atividade prática.



“Sou um pouco tímido professor, mas, entendi assim, tudo isso faz parte de mim, eu gosto dos grafites, vou fazer um risco aqui...”

Fonte: o próprio autor.

Figura 11: estudantes do 9º 1 “Sa” e “An” explicando suas criações.



Fonte: o próprio autor.

“Nós fizemos juntos professor, tipo assim, eu e ela moramos na mesma rua, eu fiz coisas que eu gosto e ela também”. O que o senhor achou?

Alunos do 9º 1 “Sa e An” .

Na busca por novas experiências tivemos durante nosso percurso investigativo momentos que, por conta do tempo de aula com apenas 48 minutos, alguns estudantes tiveram comportamentos mais disciplinados, atitudes mais adultas, no sentido de estarem mais envolvidos com o que fizeram e animados para se apresentarem perante a turma, pois no atual cenário da educação básica de Manaus temos 1 aula semanal, fator esse inquietador, pois, o componente de Artes oscila entre 8 a 10 aulas no máximo por bimestre.

Figura 12: estudante “J” do 9º 1



“Professor, eu consegui fazer assim, tipo assim, eu sou um pouco tímida também, isso me representa, eu fiz um pouco de minha personalidade, eu gosto de pintar, colorir. O senhor consegue entender?”
Aluna “J”, turma 9º 1

Fonte: o próprio autor.

Desse modo, essa realidade institucional, de uma certa forma, prejudica o desempenho cognitivo/criativo/reflexivo de muitos estudantes, portanto, cada etapa realizada na sala de aula foi de grande relevância para o conhecimento intelectual, recheada de realidades e modos de vida diferentes, mediando leituras significativas para além da escrita verbal, num processo híbrido e contínuo estimulando o olhar, a criatividade e a imaginação dos aprendizes, portanto,

“Se considerarmos que a própria alfabetização textual pressupõe o domínio da combinação e da compreensão de símbolos gráficos na formação das sílabas, das palavras e dos textos, e que muito antes da invenção da caligrafia os homens utilizavam desenhos como formas de registro, a leitura de imagens desponta no processo escolar também como parceira propulsora para a aquisição de uma leitura textual fluente e significativa”(AROUCA, 2012, p. 39)

Com isso, toda forma de expressão textual/não-textual nos convida para adentrarmos nas entrelinhas do pensamento de quem fala, de quem explica e de como o organiza, para que possamos preencher as lacunas com considerações pertinentes ao ensino das artes, pois todo estudante têm habilidades e competências, muitas das

vezes, o que lhes faltam é uma oportunidade, no entanto, reunir ações que elucidam o aprendizado nas aulas de arte é de grande importância durante a fase escolar.

Figura 13: estudante do 9º 1



Fonte: o próprio autor.

“O senhor disse que poderia ser algo que eu gostasse, eu gosto de desenhar, de pintar e eu gosto da natureza e isso me acalma, fiz algo parecido com a pintura de Van Gogh...”.

Aluno “M” do 9º 1.

Por conseguinte, organizar rodas de conversas com momentos que incentivem reflexões e o autoconhecimento para além da sala de aula é uma alternativa favorável para que os estudantes possam perceber o quanto que as artes estão interligadas com o nosso dia a dia, como também, podem representar o mundo interior de cada pessoa, ou seja, tanto em uma pintura de um artista local como em um grafite feito em uma via pública, todos estão atrelados e têm elementos significativos do próprio criador.

Assim, entendemos que a partir das produções dos estudantes, os mesmos podem ter noções significativas e interpretativas para com outras obras de artes que estão nos museus, nas galerias, nos viadutos, nas ruas e na arquitetura local, como também, tecer reflexões acerca das linguagens específicas no contexto artístico, deste modo, ao estimularmos a produção artística estudantil inserimos outros modos para mediar o quão grande é a dinâmica para (re)interpretar a vida, a arte e a cultura.

Ademais, criar meios para fruir novos conhecimentos artísticos/estéticos que possam ampliar o aprendizado escolar e a própria “sala da rua” para que os estudantes consigam observar para entender os elementos que compõem a tradição, a religiosidade, a diversidade cultural enquanto representações visuais.

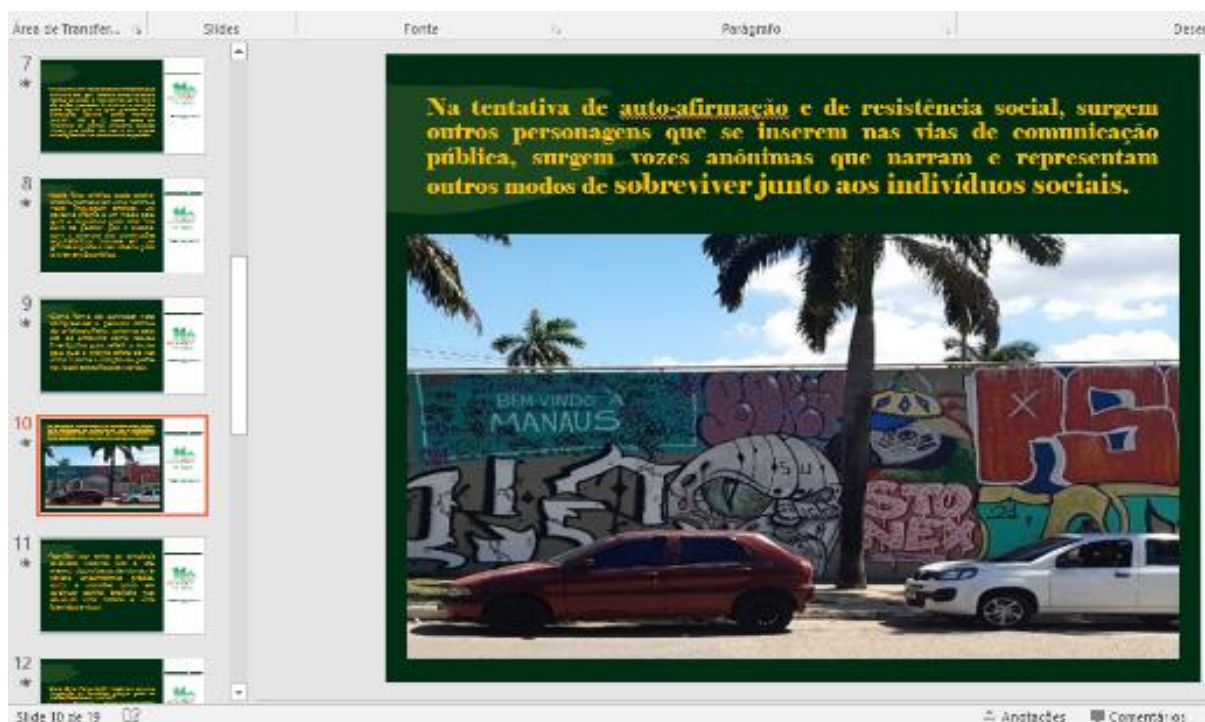
Desse modo, ousamos em apresentar aos estudantes da turma do 9º 1 trechos de uma entrevista realizada via whatsapp com um grafiteiro de Manaus, que assinala em seus grafites o nome de “Gnos”, na tentativa de instigar aos estudantes a curiosidade e trazer para o contexto da sala de aula o modo pelo qual o próprio artista visual utiliza e se apropria do espaço urbano para expressar, através dos grafites, as suas intenções políticas e os seus modos de ser e/ou de pertencer na sociedade manauara.

Com isso, mediamos a conexão entre “escola e o espaço público e o grafiteiro” para que os aprendizes consigam relacionar tais composições visuais como meios artísticos pertencentes e que estão inseridos à cultura de Manaus, de um certo modo, propositamos tal experiência no currículo escolar como meio para valorizar e identificar aspectos que ineterligam os costumes, as tradições e as heranças culturais deixadas por outros povos que habitaram a capital amazonense.

Nesta perspectiva, consideramos que é importante a mediação de saberes por entre os estudantes, pois, “ a troca de informações entre os alunos permite socializar não somente conteúdos aprendidos, mas compartilhar experiências individuais” (AROUCA, 17, 2012), desse modo, trazer para sala de aula imagens e/ou fotografias de lugares da cidade de Manaus que tenha uma determinada linguagem artística é um meio interessante para que todos possam perceber o espaço público como suporte para a criação visual.

Com isso, incentivar os alunos a se expressarem oralmente é uma alternativa para socializar e entender diferentes discursos interpretativos acerca daquilo que é concebido como patrimônio histórico(material e imaterial) que existe na cidade de Manaus, portanto, mediar estratégias que visam provocar a curiosidade durante as aulas de artes é um meio para identificar o legado artístico-cultural que existe nas vias, becos, casarões, viadutos, igrejas, museus, palacetes, entre outros, que se consolidaram ao longo da história amazonense e que precisam ser conservados para gerações futuras, como também, para ampliar o discurso poético/estético de cada estudante, tornando-os protagonistas na aprendizagem artística.

Figura 14: apresentação da entrevista com grafiteiro.



Fonte: arquivo próprio.

Para tanto, utilizamos em nosso processo investigativo a história oral, pois “tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para aquilo que se quer guardar como concebido legítimo, como memória” (ALBERTI, 1998, p. 5), como forma de interpretar os grafites, enquanto códigos visuais, que estão nas ruas e/ou em lugares estratégicos de grande acesso entre as pessoas.

Neste sentido, propusemos apresentar na turma trechos com fotos e áudios de uma entrevista realizada com um artista de Manaus, para que os estudantes pudessem perceber o quanto é fascinante ouvir do próprio artista local os significados atribuídos nos grafites existem nas vias da cidade.

Propusemos fazer essa conexão como meio para ampliar e instigar a percepção visual dos estudantes acerca das heranças culturais que estão em nosso dia a dia e podem ser representadas de várias formas e estilos, pois, cada elemento compositivo agregado aos grafites manauaras têm uma determinada essência de vida e de valores tradicionais.

Com isso, abordar sobre essas narrativas visuais no contexto escolar, de um certo modo, contribui para o entendimento e do pertencimento patrimonial que envolve vários contextos sociais da capital amazonense.

Figura 15: Av. Torquato Tapajós (Av. Constantino Nery), prédio em estado de abandono.



Fonte: arquivo próprio.

Portanto, incetivar leituras para além da escola é um caminho interessante para que os estudantes tenham a compreensão dos códigos que estão alojados em suportes diferentes, para que, a partir de tais questionamentos no conhecimento artístico, todos saibam valorizar as artes, a cultura e os modos de criação conforme cada época e sociedade.

Figura 16: trecho da entrevista via whatsapp.

- Silvio Jânio: Pergunta 01: Você tem alguma inspiração ou temática própria para as produções de seus grafites?
- **Gnos:** Resposta: "...minha inspiração total vem dos povos originários, da nossa Amazônia, dos indígenas, da nossa mata, da floresta, dos animais e tudo o que tem haver com nossos ancestrais, eu levo para o grafite, entendeu! Tenho como inspiração essa temática aí, que são os povos originários, a fauna, a flora pros meus trabalhos..."

Fonte: arquivo pessoal.

"Então professor, tudo isso daí é arte? Então esse artista é muito inteligente, tudo o que ele faz é dele mesmo? Pior que agora eu entendi muita coisa, pra mim era tudo igual".

Aluno "B" do 9º 1.

"É muito bonito mesmo, ouvindo essa cara, eu consigo entender muita coisa! É por isso então que ele usas esses traços de índio, é um jeito de representar a própria criação dele mesmo, fica muito bonito mesmo". *Aluno "M" do 9º 1.*

"Interessante professor que ele fala muito bem né? Apesar de não saber como ele é, mas ouvindo a fala dele, eu fico imaginando como ele cria os grafites, ele tem muita inspiração mesmo, assim professor, é bem mais fácil de entender muita coisa, ver o grafite dele e ouvi-lo ao mesmo tempo"

Aluno "J" do 9º1

"Professor, eu gostei das cores que ele usa, é tipo assim, parece que é a floresta, a terra, tipo o modo de uma pessoa viver, tipo assim, em contato direto com a natureza! Então, ouvindo ele falar, tem muita diferença entre a pichação e os grafites dele, do jeito que ele cria, ele faz muita coisa representando Manaus mesmo, eu gostei de saber disso, agora tenho uma forma diferente de olhar para os grafites, quando eu encontrar nas ruas".

Aluna "S" do 9º 1

"O senhor explicando e ouvindo esse artista fica bem melhor as aulas professor, eu estava pensando como ele é, na família dele e como ele cresceu sabe! Tudo o que ele faz no grafite tem um significado e isso me chamou atenção!"

Aluno "D" do 9º 1

Contudo, criamos na sala de aula um ambiente estimulando a participação de todos ora questionando ora tecendo reflexões sobre a entrevista, como também, envolvendo a turma em uma roda de conversa com perguntas e respostas relacionadas a cultura e ao processo de criação visual em locais públicos, assim, mediamos de forma dinâmica as aulas para também elegermos outros conteúdos pertinentes ao ensino das artes, tais como: arte pública, esculturas, pinturas, suporte de criação, percepção visual, cor e formas, entre outros.

Portanto, (re)significar o espaço de uma “sala de aula” é um desafio constante durante o processo na etapa da aprendizagem na educação básica, porém, quando encontramos estratégias acertivas, colhemos momentos de grande valor, sejam estes com dimensões artísticas, poéticas e estéticas, pois as experiências compartilhadas entre todos da turma contribuem diretamente na formação intelectual/cognitiva dos discentes para a assimilação e (re)produção de novos conhecimentos embalados através das linguagens da arte.

Figura 17: trecho da entrevista via whatsapp.

- **Silvio Jânio:** Pergunta 08: Você concorda ou não que o grafite é uma linguagem da periferia ou uma linguagem das "margens sociais"? Por quê? Pois existe uma parcela da sociedade manauara que não consegue definir o que é um grafite e o que é uma pichação.
- **Gnos:** Resposta: "...então, o grafite é sim uma arte da periferia, é uma arte da rua, é uma arte urbana, foi criada na rua através da pichação e se tornou e foi criado o grafite; o grafite e a pichação são praticamente a mesma coisa, só muda que um tem uma linguagem diferente da outra, a estética diferente da outra, algo mais colorido, algo mais elaborado, tem uma visão diferente da pichação. A pichação é algo mais sujo, mas não deixa de ser arte, pichação é arte, tipo, é uma arte política[...] a pichação é mais agressiva esteticamente..."

Fonte: arquivo pessoal.

Além disso, não pretendemos “dar respostas prontas”, mas sim, instigar aos estudantes para que sejam novos leitores visuais e que tenham a capacidade em desenvolver as habilidades e as competências para o entendimento em perceberem o quão importante é sabermos sobre a cultura e, conseqüentemente, identificarmos os elementos que estão inseridos nas linguagens artísticas que nos envolvem, que nos provoca emoções, conflitos e, até mesmo, rupturas...

Outrossim, no decorrer da roda de conversa, muitos questionamentos foram feitos pelos estudantes, estimulamos a participação através das perguntas como meio de inseri-los durante cada abordagem sobre algum aspecto mencionado pelos estudantes, todo este percurso, de uma certa forma, permitiu inúmeras considerações sobre as artes, em destaque aos grafismos de Manaus, para que os objetivos propostos fossem alcançados, neste modo, partilhar essas vivências trouxe um grande aprendizado coletivo, pois cada estudante percebeu o quanto os grafites podem simbolizar a identidade cultural manauara.

Portanto, “a memória é um bem precioso tanto para o patrimônio cultural de um povo como para o universo particular de uma pessoa” (FERRARI, 2021, p.40), desse modo, no intuito de sermos indivíduos capazes para apreciar e respeitar a cultura dos “outros”, de identificar a poética visual do/a outro/a, para que, ao embalo dessas interfaces do saber artístico-científico termos muitos sujeitos-estudantes preparados poeticamente e capazes em formarem uma opinião própria favorável e, como tal, se orgulharem das raízes/memórias históricas existentes na sociedade local.

11. Considerações Finais

Ao longo da nossa investigação propomos criar possibilidades para oferecer momentos para fruir a imaginação, a criação e a expressividade através do próprio discurso dos estudantes, ou seja, criando uma relação dialógica e participativa, como também, torná-los mais ativos nos estudos e na desenvoltura para criar e analisar outras produções no próprio contexto escolar, para que assim, terem experiências significativas em todo o processo da aprendizagem, para saberem eleger, refletir e categorizar os aspectos pertencentes à cultura que envolve a cidade de Manaus.

Além disso, mediamos momentos que julgamos importante para a prática da leitura, sendo essa, estabelecida de forma dinâmica para além das dimensões verbal e não-verbal, assim, nossa proposta investigativa denominada de PEDE nos permitiu em experimentar/mediar através da arte urbana, em específico a linguagem do grafite, pelo fato de que existem em Manaus muitos grafites que se concentraram em locais de grande circulação popular, como forma de propagar elementos que envolvam as raízes culturais e as tradições de povos originários, tais fatores juntos que se caracterizam formando a identidade cultural paisagística manauara, e assim, precisam ser debatidos e analisados poeticamente por turmas da educação básica.

Julgamos no decorrer de nossos apontamentos eleger a “cultura visual urbana manauara” como parte da história que circundam as tradições locais, assim, tivemos a intenção de trazer este rico universo ancestral para o chão da sala de aula, permitindo aos estudantes, independente da série ou da idade, que sejam capazes de criarem o próprio discurso artístico e poético, assim, para que tenha a capacidade de observar o outro e a arte, seja na escola e, até mesmo, observar um artista local, para que a partir disto, tenha condições de entender que a arte existe e acontece de várias formas/modos/lugares, numa dinâmica entrelaçando diferentes meios de criação.

Com isso, oportunizamos tais experiências artísticas na turma é um percurso favorável para que os estudantes possam se aproximar das linguagens artísticas e das “heranças culturais” e tenham durante a etapa escolar condições para se tornarem indivíduos competentes fazendo conexões entre a cultura e a vida através do próprio discurso poético, para que saibam analisar com firmeza, ética, responsabilidade e, consequentemente, se posicionando criticamente frente à outros fatores existentes na sociedade de um modo geral, pois entendemos que, através de um posicionamento

bem elaborado e articulado, teremos no futuro bem próximo cidadãos convictos de direitos e deveres frente aos contextos sociais, atuando de forma proativa para o bem estar coletivo.

Neste sentido, valorizar as criações dos aprendizes e, ao mesmo, colocá-los como protagonistas das próprias narrativas é um processo que pode contribuir de modo positivo ao longo da carreira estudantil, com perspectivas em que o aprendiz possa ir além dos muros da escola, para que esteja preparado para lidar com adversidades na própria comunidade em que está inserido e que tenha a sabedoria para fazer boas escolhas na vida adulta, consolidando uma carreira profissional promissora, valorizando e respeitando os/as outros/as em qualquer situação social agrupadas no contexto contemporâneo manauara.

Por conseguinte, este processo investigativo nos concedeu experiências significativas no amplo aprendizado da educação básica e nos revelou que o componente de Artes dentro da escola ainda enfrenta obstáculos de diversas “naturezas, caras e instâncias”, pois estamos em uma época em que as telas do computador ou do próprio celular estão cada vez mais atrativas aos olhos de uma grande parte dos estudantes, fato percebido na rotina escolar, assim, alguns estudantes deixam de lado ou não dão importância às relações na etapa da aprendizagem coletiva.

Contudo, ainda encontramos a falta de um espaço propício e adequado para realizar atividades que envolvam a dinâmica de grupo, pois as salas de aulas, geralmente, estão bem lotadas, e de um certo modo, limita algumas ações para o fazer artístico, principalmente quando envolvemos as atividades de produção visual em grupo.

Desse modo, ousamos durante o tempo de aula realizar atividades que suscitasse para o debate e a autorreflexão, com intenções para provocar a opinião de todos, processo este que nos revelou momentos com muito entrosamento e de reciprocidade, pois, partilhamos nossas ideias e propostas visuais para o entendimento coletivo, assim, nossos discursos, de um certo modo, desencadeou outros olhares por parte dos estudantes, como também, podemos classificar como relevância o comportamento e o engajamento estudantil durante as rodas de conversas, como meio para instigar outras inquietações e mediar reflexões pertinentes aos conteúdos propostos na própria trajetória do saber artístico.

Portanto, ensinar arte no contexto manauara nos otimiza a refletir para além dos corredores da escola, dessa natureza, envolvemos os estudantes para estimular o autoconhecimento, a reflexão e a autonomia, pois tais situações nos remetem o quanto que a profissão-professor se tornou um grande fardo de atribuições ora pela instituição escolar ora na própria sala de aula, na busca para tentar solucionar problemas oriundos de fora da escola e identificados nas personalidades estudantis.

Com efeito, este processo investigativo foi de grande importância para a caminhada docente, no intento de analisar intelectualmente e artisticamente que o campo de sala de aula nos impulsiona para novas formas na tentativa de tecer uma educação com qualidade e que tenha êxito frente aos discentes, pois estes, estão em uma fase da vida que tudo lhes acontece, lhes chamam a atenção e lhes causam inquietações, dúvidas e curiosidades.

Assim, nossa proposta pedagógica batizada como PEDE, norteou para criar novas inspirações em prol da própria prática/ação no chão da sala de aula, no ensaio poético-artístico para oferecer subsídios para além do sujeito-estudante, para que, a partir das mediações sugeridas, todos alcançassem um bom desempenho escolar, artístico e cognitivo, no intuito de saberem relacionar a cultura visual e o pertencimento patrimonial paisagístico que circundam a metrópole de Manaus.

Referências

- AROUCA, Carlos Augusto Cabral – **Arte na escola: como estimular um olhar curioso e investigativo nos alunos dos anos finais do ensino fundamental** / Carlos Augusto Cabral Arouca. São Paulo: Ed. Anzol, 2012.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- BARBOSA, Ana Mae, Fernanda Pereira da Cunha (orgs). **A Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais** – São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais** – 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997a; Brasil. Parâmetros curriculares nacionais: arte, Brasília MEC/SEF, 1997b.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**, 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010
- FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. **Arte na educação escolar**. 4ª.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1999. 2ª.ed. (coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor)
- _____. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001 (coleção magistério 2º grau. Série formação geral)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** / Paulo freire, 63ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra. 2017.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiania: Trihas Urbanas, 2005.
- FERRARI, Solange dos Santos Utuari. **A educação no universo das imagens: artes visuais** / Solange dos Santos Utuari Ferrari, Débora Rosa da Silva. 1 ed. – São Paulo: FTD: 2021.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e processo de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores** – Porto Alegre: Artmed, 2003.

- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação** / Cipriano Carlos Luckesi. São Paulo: Cortez, 1994 – (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da escola: teoria e prática** – 6. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Heccus Editora, 2017; **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: _____. Democratização da Escola Pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap 1.
- LARROSA, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. - Educação e Realidades – (Nota: o presente texto foi apresentado como palestra de encerramento no Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas, realizado em Florianópolis, em setembro de 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)).
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- OLIVEIRA, V. M. de, & Satriano, C. R. (2018). **Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa**. Linhas Críticas, 23(51), 369–386. <https://doi.org/10.26512/lc.v23i51.8231>
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação** / Fayga Ostrower, 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MAZZAMATI, Suca Mattos. **Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas** / Suca Matos Mazzamati. São Pulo: Edições SM, 2012.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. Volume único: livro do professor /Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. – 1ª ed. São Paulo: FTD, 2009
- POR TODA PARTE: 9º ano: ensino fundamental, anos finais / Solange dos Santos Utuari Ferrari. [et al]. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2018.
- POUGY, Eliana. **Teláris artes** – 9º ano: ensino fundamental, anos finais / Eliana Pougy, André Vilela, 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 2018
- PILLETI, Nelson. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo** / Nelson Pilleti, Solange Marques Rossato. 1ª ed. 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017
- PAN, Mirian Aparecida. Graciano de Souza. **O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva**. Curitiba: Ibpex, 2008.

PILLAR, Analice Dutra. **Educação do olhar no ensino das artes**. 2º Ed. Porto Alegre: Mediação, 2001

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa** / Antônio Carlos dos Santos Xavier. – Catanduva. SP: Editora Respel, 2017.